

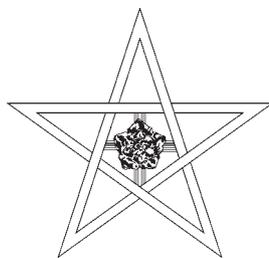


pentagrama

Lectorium Rosicrucianum

Tao, a grande força do centro
A água tão fraca
Impressões de luz
Uma abertura coletiva é possível
As cores da palavra
O peso das palavras
A força do silêncio
Johann Michael Hahn

2013 NÚMERO 4

**Editores responsáveis**

J.R. Ritman, T. van Rooij

Editor sênior

A.H.v.d. Brul

Linha editorial

P. Huís

Imagem

W.v.d. Brul

Redatores

K. Bode, W.v.d. Brul, A. Gerrits,
H. v. Hooreweeghe, H.P. Knevel, F.
Spakman, A. Stokman-Griever, G. Uljée

Secretaria

K. Bode, G. Uljée

Redação

Pentagram
Maartensdijkseweg 1
NL-3723 MC Bilthoven, Países Baixos
e-mail: info@rozekruispers.com

Edição brasileira

Pentagrama Publicações
www.pentagrama.org.br

Administração, assinaturas e vendas

Pentagrama Publicações
C.Postal 39 13.240-000 Jarinu, SP
livros@pentagrama.org.br
assinaturas@pentagrama.org.br
Assinatura anual: R\$ 80,00
Número avulso: R\$ 16,00
Números de anos anteriores R\$ 8,00

Responsável pela Edição Brasileira

M.D.E. de Oliveira

Coordenação, tradução e revisão

J.C. de Lima, N. Solíz, J.Jesus, S.P. Cachemaille, M.M.R.
Leite, L.M. Tuacek, L.A.Nepomuceno, M.B.P. Timóteo,
M.V. Mesquita de Sousa, M.R.M.Moraes, M.L.B. da Mota,
R.D. Luz, F. Luz, R.J. Araújo, U.B.Schmid, J.A.Reis

Diagramação, capa e interior

D.B. Santos Neves

Lectorium Rosicrucianum**Sede no Brasil**

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo - SP
Tel. & FAX: (11) 3208-8682
www.rosacruzaurea.org.br
info@rosacruzaurea.org.br

Sede em Portugal

Travessa das Pedras Negras, 1, 1º, Lisboa
www.rosacruzlectorium.org
escola@rosacruzaurea.org

© Stichting Rozekruis Pers
Proibida qualquer reprodução sem
autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

Revista Bimestral da Escola Interna- cional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista Pentagrama dirige a atenção de seus leitores para o desenvolvimento da humanidade nesta nova era que se inicia.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.

A revista Pentagrama convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

pentagrama

ano 35 2013 número 4

Inalienável

Isso não nos pode ser tirado:
ler e, sem fôlego, virar a página,
muito distantes da vida comum.
Os que leem podem ser solitários.

Eles já o eram desde a juventude.

Um mundo lhes acena, grande,
atemporal, eternamente presente,
aonde nós, os pequenos, podemos ir;
somente ele não nos rejeita.

Um poema de Ida Gerhardt (1905-1997)



Logos – uma edição sobre o tema das palavras,
do verbo e da linguagem.

o centro contém todas as imagens
tao, a grande força do centro 2
a água tão fraca 8
ritmo 11, 34, 35, 38
impressões de luz 12
um sondar em sete fases
uma abertura coletiva é
possível 17
as cores do verbo 24
a força do silêncio 28
frases remendadas 33
o peso das palavras 36
um exemplo fascinante do século
das luzes
a visão central de johann
michael hahn 39

Tao, a grande força do centro

J. van Rijckenborgh

As atividades visíveis do grande Te resultam das emanações do Tao. Esta é a natureza do Tao. Em sua criação, o Tao é vago e confuso. Quão confuso! Quão vago! No entanto, o centro contém todas as imagens. Oh! Quão vago, quão confuso! No entanto, no centro está o ser espiritual. Este ser é muito real e detém o testemunho infalível. Desde tempos imemoriais seu nome permanece imperecível. Ele dá existência à verdadeira criação.

Como sei que todos os nascimentos têm sua origem nele? Através do próprio Tao.

As atividades visíveis do grande Te resultam das emanações do Tao. Esses efeitos constituem a natureza do Tao. Para os seres humanos nascidos da natureza, para todos que já de antemão pertencem ao “cemitério”, Tao, em sua criação, é extremamente vago e confuso. Mais vago e mais confuso é impossível. Isso é uma coisa inevitável no campo de vida separado da Mãe primordial. Contudo, o centro contém todas as imagens da criação do Tao. Certos autores traduzem a expressão *o grande Te* como “a grande virtude”. Embora o Te, com certeza, seja uma grande virtude, é melhor traduzi-lo como “a senda da libertação” e “o resultado obtido ao percorrer a senda da libertação”. Na natureza da morte existem coisas que podemos qualificar de virtuosas e boas, porém a virtude e o bem desta natureza jamais são perfeitos. Eles não têm nenhum vínculo com o bem único de que fala Hermes Trismegisto. É por essa razão que o capítulo 21 do *Tao Te King* fala de atividades visíveis como resultado

de percorrer a senda, como resultado da aplicação da tríplice prática gnóstica; de efeitos que, por conseguinte, não devem, de forma alguma, ser vagos, pois resultam das emanações, dos influxos do Tao.

O Tao é o Um divino, o Absoluto, ele é o próprio “Isso”. Não seria esta definição, no entanto, bem vaga? Não necessariamente. Por três razões. A primeira é que essas emanações são a natureza do Tao; a segunda, é que o Tao se situa “no centro”; e a terceira é que esse centro traz em si “todas as imagens”. Tentaremos vos explicar isso. Em toda a manifestação divina, em todo o espaço da criação, o Tao – o Um divino – mantém-se “no centro”. Nesse insondável espaço existem campos de natureza astral muito diferentes uns dos outros. A respeito dessa diversidade compreendida numa unidade pode-se dizer que o “Tao está no centro”. Visto isoladamente, isso é muito importante e reconfortante; mas é muito mais importante verificar que dessa força divina “no centro” provêm emanações, influxos, irradiações e atividades.



Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri, fundadores da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, descreviam e explicavam para alunos e interessados, muitas vezes com base em textos originais da Doutrina Universal, o caminho que leva à libertação da alma, do qual deram testemunho em sua vida.



**Símbolo da “Força do Tao”.
Quem vence outros homens
é forte, mas quem vence a si
mesmo é onipotente.**

Essas emanções preenchem, com sua majestade, todo o insondável espaço. E isso se torna de capital importância quando descobrimos que as miríades de sistemas estelares que englobam os sistemas zodiacais que englobam os sistemas solares, que, por sua vez, englobam os corpos planetários, possuem todos em seu centro, em sentido literal, o Tao.

Cada planeta, cada sol, cada sistema é envolvido e penetrado pela essência do Tao, essência essa que forma um núcleo no centro desses corpos e sistemas celestes. Portanto, o planeta em que vivemos traz o Tao em seu coração no sentido mais absoluto. É por isso que se diz que o Espírito de Cristo reside no estrato central de nosso planeta. Também por isso deve-se fazer uma clara distinção entre o Espírito planetário e o Logos planetário. O Espírito planetário é a expressão do aspecto dialético, o portador da imagem da natureza da morte em escala planetária.

Reconhecendo a terra como o planeta em que habitamos, poderíamos compará-la à personalidade do homem. Já o Logos planetário é a existência e a presença do Tao. Ele é a existência da verdadeira terra nascida de Deus que podemos comparar ao microcosmo. É o céu-terra evocado no Apocalipse, um planeta totalmente diferente deste que conhecemos e, no entanto, muito próximo de nós. E é mais surpreendente ainda verificarmos que o Tao não só está presente no coração de cada cosmo e de cada macrocosmo, mas também no coração do microcosmo.

“Assim como é em cima, assim é embaixo.” Compreendei este adágio hermético. O Tao também está presente no microcosmo e, além disso, “no centro”, no centro que corresponde ao coração físico! E nesse “centro” podemos claramente distinguir suas emanções.

Assim, indicamo-vos, embora de forma um tanto breve, a natureza do Tao. O Tao está presente em todas as partes e em cada um de nós “no centro absoluto”. Eis aí o grande milagre do Tao. Essa grande força vivente e divina fala, vive e irradia no coração de tudo e de todos. Essa é a natureza prodigiosa do Tao, o atributo de Deus. Podereis, então, perguntar: “Por que a voz do Tao é tão vaga em mim? Por que ela me lança na confusão?” É porque o Tao, embora esteja *em* vós, não é *vosso*. O Tao não encarnou em vós, ele não faz parte da vida proveniente da matéria, enquanto que vossa existência particular, vossa personalidade, possui uma consciência própria, uma voz própria. Sois de natureza diferente, e a natureza divina apenas produz em vós uma irradiação, uma voz. É o Verbo que era no princípio. Quando um homem se limita apenas ao que pertence ao nascimento natural, quando aí encontra espaço suficiente, quando aí se deixa absorver por completo, quando ele sequer sabe algo acerca da possibilidade de outra natureza, cuja voz ressoa em si, então é lógico que não compreenda essa voz e que ela só traga confusão. Quando um homem conhece a presença da outra natureza, mas não se aproxima dela

Por que a voz do Tao é tão vaga em mim? Por que ela me lança na confusão?

positivamente devido ao seu comportamento, além de confusão, ele só sente algo extremamente vago. Então a Luz, o Verbo, brilha nas trevas, mas as trevas não podem ou não querem compreendê-la. Percebeis quão concreto é o prólogo do Evangelho de João? Se desejais vos libertar dessa confusão e transformar essa indefinição numa clara luz, jamais vos esqueçais de que em toda a onimanifestação existem duas naturezas: a natureza absoluta, que é o Tao, e uma natureza em devir que não é, ou ainda não é o Tao. Por conseguinte, com relação ao vosso microcosmo, existem duas vidas: a natureza divina e a natureza em devir, cujo desenvolvimento estagnou eventualmente em sua subida – como a vossa – e daí mesmo é arrastada para trás e deve retornar ao ponto de partida: é a roda do nascimento e da morte. Observai bem que, se existem duas naturezas, existem também dois estados de consciência, separados um do outro: o estado de consciência da natureza em devir e o da natureza absoluta; a consciência da personalidade e a consciência do microcosmo. O estado de consciência inferior deve dar lugar ao outro ou fundir-se nele. É principalmente a consciência do ser da natureza estagnada, da natureza que se tornou má, que deve ficar atenta a isso. O estado dessa consciência deve

ser debilitado a fim de dar lugar à natureza divina, para que, um dia, a entidade liberta possa dizer: “O Pai e eu somos *um*”. Falamos aqui de coisas que já conheceis há muito tempo, mas achamos interessante torná-las viventes para vós neste momento. Acaso tendes consciência de que o Senhor do Universo encontra-se, agora mesmo, em vosso centro, no “estábulo” de vosso ser dialético, no centro do templo, no centro de vosso microcosmo? No passado, sem dúvida vos perdestes, sob vários aspectos, no erro e na confusão. Então, compreenderéis agora as palavras de Lao Tsé: *No entanto, o centro contém todas as imagens. No centro está o ser espiritual. Este ser é muito real e detém o testemunho infalível.*

Será possível exprimir-se mais concretamente do que a linguagem sagrada de Lao Tsé? Do coração do Tao flui a essência espiritual divina, a Voz de Deus, o Verbo divino. Essa Voz, esse Verbo, engloba o plano inteiro. Os caracteres desse Verbo divino consistem em representações e impressões muito concretas. Do princípio central do microcosmo, da rosa do coração, emana uma força-luz irradiante, uma força-luz que traz em si e consigo várias séries de imagens da grande realidade, imagens essas que deverão ser realizadas no

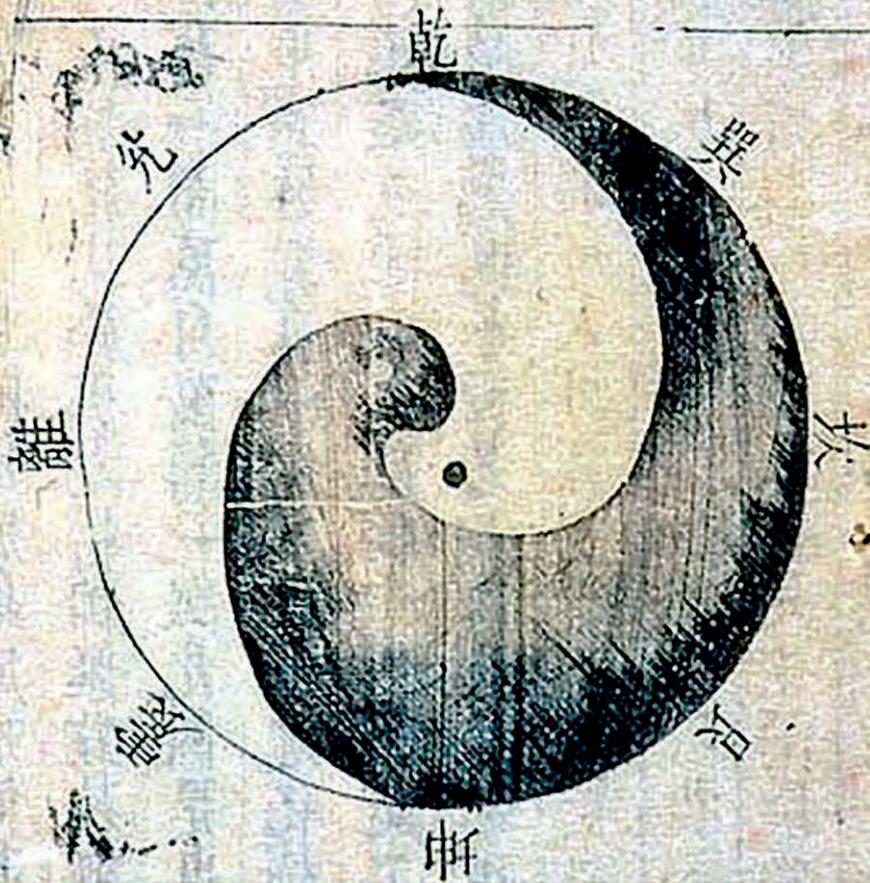
O renascimento tem sua origem no Tao, no Tao que está em vosso centro, que vos dá a força e pode ser compreendido através de seu poder criador de imagens.

homem e pelo homem. Pensai no rádio e na televisão. Esse exemplo banal pode vos mostrar claramente que formidáveis séries de sons e de representações provêm do coração do Tao e podem ser percebidos pelo homem, se o instrumento que é seu sistema for capacitado para tanto. Essa linguagem representativa dirige-se a vós a cada instante, chega até vós a cada instante, partindo de vosso centro. A linguagem divina que fala em nós é igual à que fala em vós. Dispomos assim de um meio de comparação, de percepção.

O Logos planetário nos fala nessa mesma linguagem divina. Lembrai: não se trata do Espírito planetário. Resumindo, essas palavras e essa linguagem chegam a nós de inúmeras direções. Essas palavras contêm um conhecimento altamente real. Elas detêm o testemunho infalível, afirma Lao Tsé, referindo-se a toda a gênese do Universo, ao que ela deve ser, em que ela está errada e como ela pode, novamente, ser corrigida em sua totalidade. Todo problema que submeteis ao tribunal interior do microcosmo, do cosmo e do macrocosmo vos é retransmitido em representações multidimensionais, transmutado numa imagem que podeis ver, compreender

e assimilar. Cada homem que, dessa forma, se aproxima verdadeiramente do “Senhor no Centro” participa da universalidade mundial de Deus. Unicamente o conhecimento assim assimilado constitui um testemunho infalível. É por isso que Lao Tsé afirma no capítulo 20: *Abandona os estudos, e a inquietação se afastará de ti.* Apenas o conhecimento de Deus em suas aplicações práticas é útil ao mundo e à humanidade e serve ao plano. Compreendeis agora por que insistimos para que façais todo o possível, a fim de que o ser espiritual que habita em vós fale, e que o testemunho infalível se ilumine? Um testemunho imperecível de tempos imemoriais que permanecerá para sempre. Uma força que pode gerar a verdadeira criação. Uma criação que se realiza perfeitamente segundo leis científicas. Um processo que o candidato à ciência sagrada pode seguir passo a passo, pois o nascimento completo, o renascimento, tem sua origem no Tao, no Tao que está em vosso centro, que vos dá a força e pode ser compreendido através de seu poder criador de imagens. ✪

古 太 極 圖



正南純陽方也故畫
 為乾正北純陰方也
 故畫為坤畫離於東
 象陽中有陰也畫坎
 於西象陰中有陽也
 東北陽生陰下於是
 乎畫震西南陰生陽
 下於是乎畫巽觀陽
 長陰消是以畫兌於
 東南觀陰盛陽微是
 以畫艮於西北也

Quando o yin receptivo está completo, em seu centro surge o germe do yang. Quando o yang ativo está completo, saindo da sua profundidade, forma-se o yin.

a água tão fraca

O que aconteceria se o homem fosse privado das palavras? Dispomos de palavras, de uma língua falada e escrita e de outros meios de comunicação, tais como linguagem corporal, música e arte visual. Mas o que aconteceria se o homem fosse privado de todas essas formas de linguagem?

Mediante a linguagem colocamos nosso pensamento em ordem, nos comunicamos, nos explicamos aos outros e também os ajudamos. Pela comparação, a dualidade “você e eu”, ganhamos experiência; expressar um pensamento significa tornar-se consciente. A linguagem fundamentada sobre a dualidade oferece-nos a oportunidade de crescer. Se privássemos o homem da linguagem, essa aprendizagem resultante da interação com o outro também desapareceria? Extrapolamos ainda mais essa reflexão: os sentidos também desapareceriam, assim como nossa consciência? O que restaria, então?

Para nos comunicar, usamos a linguagem e as palavras, a fim de transmitir informações. Uma ressonância magnética mostraria, neste caso, quais áreas do cérebro estariam ativas. As palavras são portadoras de informação e, portanto, logicamente subordinadas à linguagem.

A linguagem é o princípio de comunicação e as palavras constituem a forma, o vetor de uma idéia, de um significado. Precisamos de palavras para expressar-nos de maneira diferenciada. Se as nuances são sutis, compreensão intuitiva e interpretação intervêm, e vamos além das palavras.

Além disso, há muitas áreas de linguagem, convenções comuns e condicionamentos dos quais, muitas vezes, nem temos consciência, pois esses códigos tornaram-se parte integrante de nós mesmos. Uma linguagem

codificada ou um jargão podem incluir ou excluir grupos e indivíduos.

Assim, podemos restringir as palavras de nossa língua mediante interpretações mais ou menos pré-estabelecidas. Então, a linguagem individualiza-se e perde sua universalidade. Podemos, por exemplo, observar como os jovens preservam e afirmam sua própria identidade precisamente na e por meio da linguagem. Outro aspecto desse tópico revela a extrema dificuldade de se conceber algo realmente novo. Muitos de nós não somos prisioneiros dos grilhões de um mundo de ideias definidas? Todos não dependem, na verdade, desse campo coletivo e individual?

Uma criação completamente nova auxiliada por um princípio criador formador da fala e da linguagem só poderia proceder de um fator externo ao mundo dos nossos pensa-





mentos.
Algo assim
existe de fato
e poderia ser
traduzido? Onde
está a origem da ideia
que tenta tomar forma? Que

mundo de ideias e pensamentos nos abastece e nos abriga? Existe outro mundo? A palavra às vezes é vista como fundamental, como um arquétipo, e a linguagem que usa palavras para expressar essa ideia faz que ela viva. A linguagem é discurso ou o discurso é linguagem? O meio é a fala ou a linguagem? As palavras de nossa escrita parecem ser elementos específicos de comunicação. No entanto, confrontado com a escrita ideográfica chinesa, menos definida para o homem ocidental, C. van Dijk, escreve na introdução às suas paráfrases do Tao Te King: “O modo ocidental de pensar compara quase toda a sabedoria oriental a hipóteses incontrolláveis,

enquanto, basicamente, trata-se exatamente do oposto. Na verdade, qualquer desenvolvimento intelectual só mostra sua casca, que esconde um núcleo mais profundo, e é por isso que cada denominação específica (no sentido espiritual) é sempre uma hipótese. [...] O ‘forte’ deve aprender a entender que nada é tão forte quanto a água fraca que se adapta e assume qualquer forma, e os ‘sedutores’ devem aceitar a sua linguagem. [...] Quem recua diante disso pode deixar este pequeno livro de lado; ele não tem nada a lhe dizer. [...] Mas se se trata de uma realidade que não conhecemos, o que fazemos, então de nossa capacidade de pensar concretamente?”

Estamos acostumados a analisar, dissecar a semente, mas podemos, assim, encontrar a árvore? C. van Dijk não optou nem por uma tradução nem por uma comparação das traduções existentes desses “generosos” caracteres chineses, mas por uma transposição em paráfrases, pois tudo depende da capacidade da consciência individual. É por isso que ele fala de um “poema meditado do chinês original”. Ele nos apresenta uma “transposição de ideias intelectuais e de concepções atuais” e dá conselhos para meditar sobre os textos em vez de analisá-los. Ele diz que “o pensamento espiritual, ou melhor, a sabedoria, precisa de um fluxo, de um canal”.

“A palavra nem sempre é o que ouvimos, entretanto o Tao é invencível, ele se adapta e se ajusta a tudo”. Há outra realidade para

*O caminho diário não é o Caminho dos caminhos.
A vida não é senão o que o homem faz dela.
O que a realidade é, é o que queremos que a realidade seja.
Aquele que é humilde – esse já está desperto nas alturas.*

além das línguas conhecidas e traduções, com todas as suas consequências inerentes. Além da realidade de nosso eu ensurdecedor, existe o eu interior silencioso.

Como podemos nos deixar penetrar pela inspiração pura e abstrata da vida universal? Por mais abstrata que seja, a vida universal tudo move e inspira, embora seja ela mesma a causa desconhecida, localizada fora de tudo o que se move. É nesse movimento perpétuo da criação que o autor do movimento torna-se manifesto. Daí esta oração dos rosa-cruzes: “Com seu dedo, Deus traçou os sinais da Natureza, e ninguém é capaz de decifrá-los sem antes ter aprendido em sua escola”.

Essa aprendizagem continua até que experimentemos que nós mesmos somos dessa natureza e que no fundo de nosso ser está impressa a marca do dedo de Deus. Quando, dessa forma, percebermos que as palavras e a vida se mesclam, que somos simultaneamente alvo e flecha, então compreenderemos intuitivamente, levados pela corrente da inspiração. Imagens extremamente nítidas podem surgir em nós. Imagens que, entretanto, ultrapassam nosso entendimento. Imagens muito fugazes, totalmente de acordo com nosso estado momentâneo, apresentam-se à nossa consciência, a fim de que sua sabedoria e força possam transformar nosso ser. No começo, a palavra parece desaparecer, morrer em nós. Isso porque queremos captá-la com a cristalizada capacidade de compreender de nossa velha consciência. Mas isso não pode continuar

assim. Imagens de momentos de silêncio transformam lentamente a pedra, quais gotas de água que caem sem parar. Estamos acostumados, com nosso pensamento e nossa sensibilidade, a armazenar tudo para, em seguida, explorar esse conjunto de conhecimentos, mas o que a linguagem interna nos pede é que a interpretemos, que a traduzamos diretamente em ação, que a vivamos.

Não se pode reter a vida; ela flui. Quem seria capaz de capturar e reter a água de um córrego? A todo momento e em um fluxo constante, a vida se renova. Receber, viver, dar e receber de novo, e assim tudo renovar.

Se, confiantes, nos rendemos a essa ininterrupta corrente de verdade e vida, nada que recebemos poderá se tornar letra morta, nenhuma imagem será estéril, pois tudo de que precisamos está presente a cada momento. Continuamente compartilhamos, relacionamo-nos. Isso é o Tao, naturalmente. E estamos em contato com o mundo e nos comunicamos, se necessário com palavras. ✪



A vida acontece em ritmos. Esse jogo ao mesmo tempo arriscado e magistral vai e vem, no bater rítmico de nosso coração – no equilíbrio acrobático do ser, como o artista francês Léger sabe exprimir em suas pinturas. “Música e ritmo encontram seu caminho até nas dimensões mais secretas da alma”, assim escreveu Platão no século IV a.C., e Quintiliano completou cinco séculos mais tarde: “Muitos dos antigos denominaram o ritmo o princípio masculino e a melodia, o feminino”.

impressões de luz

Um cientista entusiasta escreve no último ano letivo em seu blog: “A luz, na realidade, é encontrada e empregada em todo lugar – e, aparentemente, também é passível de múltiplas interpretações”.

Essa descoberta já não trará o prêmio Nobel a nosso jovem cientista depois que Einstein o obteve por seu trabalho sobre o efeito fotoelétrico. Todavia, nosso diligente estudante teria eventualmente conseguido evidenciar um lado ainda desconhecido da luz. Mas ele ainda não chegou a tanto. Imaginem o quanto ele está concentrado nos diversos efeitos e empregos da luz natural como subproduto de uma fonte de calor como a do sol radiante, do fogo aconchegante de uma lareira, de uma vela queimando com calma ou do fio incandescente de tungstênio da lâmpada de seu escritório. A luz também constitui a base da cadeia alimentar. Através da fotossíntese os organismos vegetais, desde unicelulares até árvores gigantes, podem crescer e florescer. Esses organismos formam então a fonte de alimentos para animais que se consomem mutuamente. Segue-se então o restante da cadeia: desde os tipos que comem de tudo até os que comem unicamente carne. Contudo, sem luz não seria possível todo o circuito de devorar e ser devorado.

Em comparação com os órgãos dos sentidos de outros mamíferos, os do ser humano são insignificantes: um elefante consegue detectar água a uma distância de dezenas de quilômetros, os seres humanos não conseguem nem mesmo à distância de um metro. Um morcego pode empregar o eco de seu próprio ruído, inaudível para a maioria dos homens, para voar à noite através de uma floresta

sem risco de colisão. Uma joaninha pode empreender uma caminhada sobre a nossa pele sem que a percebamos. O desenvolvimento de nosso paladar é tal que a média dos frequentadores de restaurantes prefere ir a um local mais conhecido por suas grandes porções do que por seus ingredientes refinados. Nossos olhos constituem efetivamente uma exceção – e isso, em contrapartida, tem a ver com a sensibilidade do ser humano à luz. Nossos olhos conseguem enxergar nitidamente tanto bem de perto como à distância, e conseguem uma boa adaptação tanto em dia ensolarado de verão como em noite escura. Além disso, conseguimos perceber um largo espectro de cores. Como criaturas de orientação visual, usualmente percebemos melhor o que vemos com os próprios olhos. Aliás, também na linguagem corrente aparece nossa preferência por luz e pela faculdade visual. Em relação a isso, nossa linguagem metafórica é especialmente colorida. Às vezes, apenas cobramos ânimo ao ver uma luz no fim do túnel. De fato, pois por trás das nuvens brilha o sol. Nossa fisionomia aclara-se, começamos a irradiar, e o sol se ergue de novo em nossa morada. Depois da obscura Idade Média, surgiu a luz da Renascença. Então, uma vez mais vimos a luz, deixando de errar em tenebrosa ignorância. Por meio da luz verificamos que o mundo é fenomênico. Nessa mesma luz, somos percebidos e observados pelos outros. Fazemos tudo para perceber nosso ambiente da maneira correta.



Ela é tão ilimitada que o ser humano, como criatura natural sensível à luz, não tem consciência dela

Quando necessário, utilizamos binóculos. Quando ficamos mais velhos, os óculos de leitura. Quando já não enxergamos tão bem, podemos fazer uma cirurgia a laser. Por outro lado, nosso médico também gostaria de ver com os próprios olhos o que nos falta. Por isso, faz radiografias ou ressonância magnética para investigar sinais ocultos de doença. Nesse plano sutil fica evidente que luz é uma forma de radiação – benfazeja, mas, às vezes, também prejudicial. Radiações em um tumor canceroso também pode danificar tecido sadio. Aliás, radiação em demasia não é bom mesmo, pois causa alterações em nosso material genético, o que pode acarretar câncer. Se a luz é de natureza monocromática, ou seja, com apenas um comprimento de onda, ela produz pouca interferência. A luz de um laser, por exemplo, é fortemente coerente e focalizada e, tanto quanto possível, é uma luz “simples”, embora seus efeitos sejam muito mais potentes. Os campos de aplicação da luz – ainda estamos falando apenas sobre o efeito grosseiro, material e terreno da luz natural – são múltiplos e extremamente impressionantes.

A LUZ DA SUPRANATUREZA Até agora nada mencionamos sobre outros efeitos da luz,

à qual poderíamos aludir cautelosamente como a Luz. Os antigos costumavam falar da luz supranatural. É a luz a que se refere o Evangelho quando diz que Deus é Luz e não há nele treva alguma – ou a Luz brilha nas trevas, mas as trevas não a compreenderam – a Luz que era “no princípio”, antes ainda de se poder falar de sol, lua e estrelas, assim como lemos no Gênesis. O indício da outra espécie de luz – impalpável, indireta – é conversão, transformação. Uma forma bem diferente de fotossíntese! Ela transforma primeiro o homem adormecido em homem desperto, assim como, de manhã, a clara luz solar nos acorda. Em seguida nos transforma em um ser humano com um interior vivo – uma alma viva – e, por fim, em um homem divino. Com certeza nos deparamos aqui com outro significado de luz, uma dimensão bem diferente daquela indicada por nosso cientista. Essa Luz, composta de diferentes comprimentos de onda, realiza com suas atividades e efeitos muito mais do que, a princípio, poderíamos supor. Daí resulta que, sobretudo em sua ação, ela escapa inteiramente à percepção sensorial comum – por mais que queiramos abarcá-la e compreendê-la. Ela é tão ilimitada que o ser humano, como criatura natural sensível à luz, não

tem consciência dela. Um pressuposto para ele tomar consciência da luz é, sem dúvida, a possibilidade que ela tem de penetrá-lo profundamente até iluminar-lhe o âmago do ser. Isso é possível se ele sabe como abrir-se para ela.

Pouco a pouco, esse ser humano passa a apreender e experimentar mais daquela Luz. Sempre que ele não se deixa enredar por toda espécie de antagonismo, ocorre uma abertura maior, e o conhecimento de primeira mão, como um reflexo da Luz, é alcançado. Com isso, seu coração é iluminado e, dessa forma, ele adquire o “conhecimento do coração”. Por mais que tenha buscado, essa Luz divina não pode ser encontrada no mundo perceptível pelos sentidos, porém ele a conhece com o coração. Por muito tempo, ele não sabia que essa fonte de Luz estava “mais próxima do que mãos e pés”, podendo apenas ser encontrada dentro do próprio ser.

A LUZ QUE TRANSFORMA Já não o satisfaz a luz que brilha sobre o que lhe parecia importante no mundo, porque ela lança sobre a verdade um brilho falso, deturpado, poluído. Parece-lhe, então, que a luz natural intensa diminui em seu interior. Ele passa a contar apenas consigo mesmo e dá início à sua autoprovação, em uma região que parece totalmente tenebrosa e sem perspectiva. A luz da lâmpada em seu caminho extinguiu-se; agora já não há luz lá fora, e ele já não pode fazer outra coisa senão orientar-se para

seu interior, na esperança de, ali, reconhecer a Luz. Então surge crise, caos ou desespero sombrio. No entanto, essa é a única possibilidade de a Luz irromper em algum lugar, criar uma brecha através da qual ela possa encontrá-lo, a possibilidade de “trazer à vida uma Luz diferente”. Poderíamos dizer então que esse nadir, esse primeiro sinal da Luz, é ao mesmo tempo o símbolo para sua nova vida. A partir desse momento, já não será apenas a luz terrena que continuará a auxiliá-lo. Esta jamais pode fornecer a energia vital necessária para o crescente anseio de seu coração. A luz da natureza extinguiu-se na escuridão da “noite da alma”, como disse João da Cruz. Contudo, a noite desemboca no dia em que a Luz do Espírito, a Luz das Luzes, nasce para sempre. Como em um relâmpago fica claro: “Eis aqui vos digo um mistério: [...] nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados num momento [...]” ☸

UMA EXPLORAÇÃO EM SETE FASES



A luz interior. Sanjay Punekar, India. www.artmajeur.com

uma abertura coletiva é possível

“[O esoterista] pode se reconhecer como tal, caso se sinta amadurecido pelo ‘impulso espiritual da reminiscência’, isto é, caso sinta uma ligação inicial subconsciente com o reino de Luz perdido, a reminiscência de uma filiação rompida. Tal estado ocasiona interesse irreprimível pelo mundo oculto e desperta a pesquisa apaixonada de um estado original, perdido na noite dos tempos.”

Jan van Rijckenborgh, *Dei gloria intacta*

A compreensão voltada para o outro é aprofundada pela mudança de pontos de vista relativos aos diferentes itinerários, métodos e visões do mundo; assim podem-se descobrir outras facetas da verdade e os caminhos que levam a ela.

Numerosos movimentos espirituais estão em marcha. A influência de Aquário provoca a necessidade de se comunicar e de permutar de maneira totalmente nova.

O período que abordamos nos ensina, de um modo que acreditaríamos impossível anteriormente, a que ponto estamos ligados uns aos outros.

Levando em conta a tomada de consciência dessa ligação, cada um pode trabalhar segundo o caminho escolhido, sabendo-se totalmente apoiado e compreendido na coletividade.

Uma porta se abre para a humanidade. Um vento novo sopra no mundo. Isso diz respeito a todas as instituições ou organizações, sejam elas políticas, econômicas ou religiosas.

A Terra e seus reinos naturais sofrem a mesma influência. A humanidade, entretanto, está apenas parcialmente preparada para essas circunstâncias. Somente os que compreendem a linguagem de Aquário e agem em conformidade com ela abrem caminho para essa grande mudança. Hoje, falar de aspectos positivos de nossa época parece, para muitos, absurdo, devido à intensificação dos conflitos no mundo. Duas décadas atrás, entretanto, imediatamente após o término da “Guerra Fria”, nasceu a esperança que essa nova configuração

mundial engendraria tolerância e respeito. Mas depois as forças reacionárias ressurgiram e tentaram manter ou restabelecer as antigas estruturas de poder.

Ora, aí também se encontra o sinal anunciador de uma nova fase. A observação ensina que assim que as possibilidades presentes em determinada época tornam-se inúteis, a situação atinge um paroxismo, como se o homem devesse, pela experiência decorrente, tomar consciência de seu erro. Se a oportunidade não é rapidamente agarrada, o movimento inverte-se e engendra um retorno ao passado, pois o tempo não interrompe seu curso.

“De lá atravessou o Mar Mediterrâneo, até chegar a Fez, cidade que os árabes lhe haviam indicado. É uma verdadeira vergonha para nós que sábios que vivem tão longe uns dos outros não somente estejam unidos entre si, mas também contrários a toda polêmica e dispostos a revelar seus segredos, em total confiança. Anualmente, os árabes e os africanos se reúnem e se consultam mutuamente sobre as artes para saber se alguma coisa melhor foi descoberta ou se seus conceitos foram superados pela experiência. Desse modo, a cada ano algo novo se apresenta para melhorar a Matemática, a Física e a Magia, pois nisso os habitantes de Fez são muito avançados. Da mesma forma, na Alemanha não faltam atualmente eruditos, magos, cabalistas, médicos e filósofos, mas eles deveriam ser mais caridosos e a maioria não deveria querer devorar o pasto sozinha. Em Fez, ele travou conhecimento

O impulso rosa-cruz da época estava destinado a abrir o caminho para uma evolução positiva do mundo ocidental

com os que chamamos comumente de habitantes originais, os quais lhe revelaram muitos de seus segredos, do mesmo modo que nós, os alemães, poderíamos reunir muito do que é nosso se uma unidade semelhante reinasse entre nós e se aspirássemos à pesquisa com toda a sinceridade. Quanto aos habitantes de Fez, ele reconheceu muitas vezes que a magia deles não era totalmente pura e que sua cabala havia sido corrompida por sua religião. Apesar disso, soube fazer excelente uso dela e descobriu um fundamento ainda melhor para sua fé, pois esta agora concordava com a harmonia do mundo inteiro, encarnada de modo maravilhoso em todos os tempos.”

Fama Fraternitatis

DE FEZ AO MARROCOS Em nós, algo busca se libertar. Toda luta exterior é apenas o sinal tangível de uma agitação interior e a manifestação de um estado que ignora o medo, mesmo que ele venha. Poderíamos mencionar certos desenvolvimentos positivos que ilustrariam essa manifestação de uma mudança do mundo. Mas essa tentativa correria o risco de se provar superficial, portanto pouco satisfatória. Algumas pessoas poderiam atribuir as realidades equivocadas ao acaso ou a circunstâncias favoráveis. Parece-nos também importante tentar observar os acontecimentos com base em um plano superior para trazer à luz o significado e o objetivo do caminho da humanidade. É conveniente evocar aqui a *Fama Fraternitatis*, um dos três manifestos

rosa-cruzes do início do século XVII.

Esse manuscrito apareceu há quase 400 anos, em 1614. A Europa estava numa encruzilhada. Duas possibilidades se lhe apresentavam, mas a balança inclinou-se para o lado das amargas experiências: a Guerra dos Trinta Anos, durante a qual as lutas religiosas e políticas devastaram a Europa.

A *Fama Fraternitatis* refaz o itinerário de Christian Rosenkreuz em busca de fontes de sabedoria no seio de culturas do perímetro mediterrâneo. Se tal viagem aconteceu realmente ou se se trata de um conto alegórico é algo de pouca importância; os cientistas, além disso, estão divididos quanto a esse fato. A intenção desse relato era convocar a uma reforma geral as ciências, a arte e a religião. Essa viagem de Christian Rosenkreuz o conduziu ao Oriente Próximo e ao Oriente Médio. Ele foi guiado, por uma mão invisível, para os elevados lugares onde a sabedoria e o conhecimento do mundo visível podiam ser estudados.

Seu caminhar o levou, via Chipre, a Damcar, pequena cidade da península arábica; depois, passando pelo Mar Mediterrâneo, a Fez, onde ele encontrou grandes mestres sufis; por fim, após uma estadia na Espanha, ele voltou para a Alemanha, levando consigo conhecimentos e possibilidades científicas e espirituais essenciais. No decurso de sua passagem pela Europa, ele ofereceu a síntese de seus tesouros espirituais às grandes figuras de seu tempo, mas elas a rejeitaram, pressentindo que

o caminho ofertado era pouco convencional e que suas posições dominantes, baseadas em seus conhecimentos, desapareceriam. O impulso rosa-cruz da época estava destinado a abrir o caminho para uma evolução positiva do mundo ocidental. Muitos dos que possuíam nobreza interior poderiam, assim, encontrar o caminho para o homem superior. Nessa época, a Europa foi colocada diante do desafio mundial e histórico de acompanhar a humanidade durante os séculos que se seguiriam. Ela saberia fecundar o mundo com seus tesouros nos domínios da arte, das ciências e da espiritualidade, uma espiritualidade tingida do amor que reconheceria a origem comum de todos os povos, respeitaria todas as culturas e tradições religiosas.

O mundo realmente tomou essa direção, mas a que preço... O pensamento voltado para o aspecto material prevaleceu, bem como seus efeitos: a colonização do mundo seguia de mãos dadas com a opressão, a pilhagem e a ruína. Há aproximadamente quinze anos fiz uma viagem ao Marrocos em companhia de meu esposo. Nosso maior desejo era visitar Fez, às margens do Saara. Esperávamos descobrir a razão de a *Fama Fraternitatis* mencionar essa cidade onde Christian Rosenkruz havia permanecido durante dois anos. Tivemos a sorte de ser acompanhados por um velho guia experiente. A visita à velha cidade causou em nós o efeito de uma viagem no tempo. As impressões foram surpreendentes. Verificamos, para nossa grande alegria, que

nosso guia dava à antiga Universidade uma importância especial. Pela porta gradeada de um edifício centenário, percebemos a praça principal; ela nos pareceu bem pequena, entretanto bem animada.

O acesso ao campus da Universidade não era, salvo exceções, autorizado aos turistas. Nosso folheto evocava a história desse edifício, hoje muito dilapidado. A Universidade de Fez, fundada em 859, é a mais antiga do mundo. Hoje seu nome é Al-Quaraouiyine. Ao mesmo tempo escola corânica e mesquita, ela desempenhou, na Idade Média, um papel importante nas relações culturais e universitárias entre o mundo islâmico e a Europa. Prestamos muita atenção quando nosso guia contou como, desde a Antiguidade, ela velava para que fossem ensinadas aos estudantes primeiro as leis espirituais subjacentes às leis exteriores. Somente depois lhes era permitido estudar outras matérias.

Até 1957, tratava-se apenas de ciências naturais. Como era sábio esse método que propiciava ao estudante uma reflexão ética e moral! Assim, dotado de uma bússola interior, ele podia colocar o conhecimento científico a serviço do povo. Nossa impressão foi de que o *genius loci*, o espírito, a atmosfera desse lugar, continuava a testemunhar da grande sabedoria dos tempos antigos. Parece que em Fez queima um fogo espiritual, o mesmo que Christian Rosenkruz acendeu mais tarde no coração da Europa, em segredo, depois que sua tentativa de fazê-lo abertamente fracassou.

FRACATAIS, AUTOSSIMILARIDADE, UNICIDADE

Os impulsos dados por Christian Rosenkreuz são revolucionários no sentido de que implicam uma visão em que a metade desconhecida do mundo, o invisível, e a estrutura divina espiritual do ser humano revestem-se da mais alta importância. Esse ponto de vista corresponde às ciências naturais e às intenções primeiras dos verdadeiros ensinamentos cristãos. A Rosa-Cruz, de fato, considera o homem um mundo em miniatura, um microcosmo, a ideia na base da unicidade do homem, do cosmo e do macrocosmo.

A ciência fala da autossimilaridade de certas estruturas, chamadas fractais¹: a estrutura de todo sistema é idêntica à estrutura do que a precede ou a segue, e assim por diante, do maior ao menor... Podemos deduzir a existência de uma similaridade na relação entre o homem, o cosmo, o sistema solar e os universos mais vastos, tanto no que concerne ao aspecto material quanto ao da alma e do espiritual. Poucos homens têm acesso à visão interior do espiritual, do imortal. Para a maioria, a única norma é frequentemente a aparência física, e sua dissolução pela morte consterna-os.

O Evangelho de Tomé descreve esse “alcançar o horizonte” com as palavras de Jesus: “Que aquele que busca não cesse de buscar até que encontre; e quando tiver encontrado, será perturbado, e estando perturbado, ficará maravilhado e reinará sobre o Todo”. (Cf. logion 2)

Os manifestos rosa-cruzes tentaram criar uma abertura espiritual graças à qual o homem, pensador independente e livre de toda autoridade, podia tomar consciência de sua origem e de seu destino de modo direto. Em nossa época, semelhantes impulsos manifestam-se cada vez mais claramente.

Albert Einstein dizia: “O ser humano é uma parte do que chamamos Universo, uma parte limitada pelo tempo e espaço. Ele se vê, com seus pensamentos e sentimentos, como separado dos outros – um tipo de ilusão de óptica de sua consciência. Essa ilusão constitui uma prisão que nos limita a nossos desejos pessoais e simpatias em vista das pessoas que nos são caras. Cabe a nós libertar-nos dessa prisão”. Essa afirmação apresenta uma visão moderna da caverna de Platão. Voltarmos dentro de nossa caverna, retirar a “ilusão de óptica” da consciência para vivenciar diretamente as leis divinas – observadas, até então, mediante seus efeitos sobre a matéria – é a etapa que o homem deve vencer tanto em sua realidade individual como coletiva. Os homens estão cada vez mais conscientes disso.

A CADA UM SEU CUME A humanidade experimenta atualmente uma aceleração do tempo. E, embora seja um sentimento subjetivo, o fato é que nosso planeta, com tudo que nele existe, sofre uma aceleração de seu nível vibratório. Um tipo de energia mais elevada, um tipo particular de éter – chamado quinto éter – traz em si um fogo espiritual que se

Não é verdade que muitos dentre nós pensam que as atuais situações pessoal e social de fato não durariam ainda por muito tempo?

derrama em nossa atmosfera e se transmite a quem o inspira. As vibrações mais elevadas são capazes de desenvolver a alma superior. Muitos são os que esperam uma iluminação pessoal, prometida, aliás, por uma literatura abundante. Entretanto, a iluminação não se refere a nosso ser terrestre; algo muito diferente é tocado: o princípio divino no microcosmo, a essência imortal.

As energias espirituais tornadas atmosféricas desmascaram e fazem esmorecer o orgulho da autoconsciência. Não é verdade que muitos dentre nós pensam que as atuais situações pessoal e social de fato não durariam ainda por muito tempo? Percebemos que falta algo essencial. E experimentamos essa falta mesmo quando temos aspirações espirituais.

Alcançamos o cume da cultura da personalidade, no qual não há lugar para o outro: cada um vive em seu próprio cume. O que há, porém, entre nós? Cada vez mais sentimos o nada, o vazio. Cada um é colocado à prova por aquilo que atrai. As consequências são situações de crise e uma perda de referência. Mas se essa situação não pode perdurar, que fazer, então? Alcançaremos um nível mais elevado? Aproveitaremos as oportunidades que nossa época nos oferece? Cada um pode se perguntar: “Serei apenas a imagem percebida até agora? Ou serei outra coisa, no mais profundo de mim mesmo?” Quem se pergunta isso seriamente perceberá que, de fato, no interior de seu ser, há um nível mais elevado.

UM AMIGO, UM AMPARO Há muito tempo ouvi uma história – de Auroville, na Índia, creio eu – que ilustra a maneira como acedemos a esse nível mais elevado. “Um homem, mergulhado no sono, sonha com uma magnífica paisagem repleta de flores e árvores frutíferas. Ele nutre-se de seus frutos, o perfume de suas flores embriaga-o. Quando acorda, ele percebe que está, de fato, no deserto. A areia a seu redor estende-se até o horizonte. Ele está só e não há ninguém ao longe, nem mesmo um camelo para levá-lo para outro lugar. Ele está petrificado de medo. Está claro para ele que deve sair de lá imediatamente. Ele está calçando suas sandálias para partir quando, de repente, perto dele, alguém também calça as sandálias. E esse “outro” lhe diz: “Veja, eu já estava com você. Eu estarei com você e serei depois de você. De agora em diante, eu o acompanho até o fim dos tempos. Siga-me”.

No momento psicológico oportuno, frequentemente em situações de crise, quando, desamparado, seu ser silencia, o homem torna-se consciente do companheiro divino interior, o amigo, o amparo. Ele adquire uma consciência completamente diferente. Cada ser humano vive essa experiência uma vez na vida. Quando é literalmente cercada, provada, sua consciência comum, em seu desejo de autoconservação, subtrai-se momentaneamente à situação vivenciada. Por um curto instante, ele olha além da barreira, além do muro. Mas os hábitos o dominam novamente

De suas cápsulas espaciais, os cosmonautas perguntaram-se mais de uma vez qual a razão da existência de fronteiras em nosso belo planeta azul e por que as pessoas fazem a guerra

e impedem a abertura para um nível superior do pensamento, da vida e do ser.

Somos seres duais: mortais segundo o estado biológico, imortais em virtude do núcleo divino interior. É por isso que duas vozes falam em nós. O homem interior quer voltar à sua origem; o homem exterior, a consciência individual, busca realizar-se na matéria. Assim, acorrentamos o divino, presente em nós, à matéria; isso, até o momento psicológico em que percebemos a voz do Deus interior.

O outro estado de ser não pode ser tocado pelo mundo dual exterior, embora também possa manifestar-se no espaço. Devido à sua natureza vibratória elevada, temos, entretanto, o hábito de situá-lo longe de nós.

O ESPÍRITO, O AMOR, CRISTO Experimentamos na vida um abismo que separa nossa atual existência da vida eterna pura, ilimitada. É para construir uma ponte que surgem os grandes enviados e os mestres da humanidade. Cada religião traz o germe da transformação de uma existência temporária em existência imortal. O processo de mudança mostra o caminho não apenas para nosso próprio coração espiritual, mas também para “o coração do mundo”, o centro da “terra santa”. A Terra também possui um aspecto divino, espiritual, ligado ao aspecto espiritual do sol. O processo humano de mudança conduz, portanto, aos domínios espirituais da Terra e do sistema solar. Quem segue esse caminho religa as energias desses domínios à vida de nosso

planeta. A germinação de tal fruto necessita, entretanto, de um tempo bem longo. Depois vem o tempo em que, em cada microcosmo, desperta e fala a voz divina. O campo de irradiação que emana dos seres espirituais sobre nossa Terra estimula esse processo.

De suas cápsulas espaciais, os cosmonautas perguntaram-se mais de uma vez qual a razão da existência de fronteiras em nosso belo planeta azul e por que as pessoas fazem a guerra. É nossa consciência egocêntrica que se deixa levar à guerra. Uma guerra não tem início apenas no momento em que as armas começam a se fazer ouvir; ela se enraíza previamente em nosso espírito. Se a humanidade constitui um só corpo, esse fenômeno equivale a células individuais que já não cumprem sua função a serviço do organismo como um todo. Elas lutam entre si. Como totalidade, é evidente que estamos profundamente doentes.

Chamamos as energias do mundo espiritual de forças crísticas. Elas desejam transformar-nos e purificar-nos, banir a luta entre as polaridades de nosso ser e renovar nossa alma. Elas querem libertar em nós o homem imortal, o gêmeo divino, do ciclo sem fim das encarnações do microcosmo; elas fazem nosso coração espiritual vibrar e geram uma fé que não conhecíamos antes. Trata-se de um conhecimento interior e de uma força capaz de mover montanhas, ou seja, nossos obstáculos interiores.

O conto sobre o nascimento de Jesus, o Senhor, há dois mil anos, não deve ser

considerado sob o ângulo histórico, pois esse não é seu verdadeiro sentido.

Esse fato aconteceu muitas vezes e é a emanção dos domínios invisíveis, de outra dimensão. Os acontecimentos universais são sempre concebidos numa atmosfera anímica pura, na qual o homem pode purificar seu coração e seu pensar. O espírito, o amor, Cristo, o outro celeste nele, pode transformá-lo estruturalmente, átomo por átomo, célula por célula. O corpo visível da personalidade é revestido, assim, por uma nova corporeidade.

O SERVIÇO AO OUTRO Mediante a energia de Cristo, os rosa-cruzes gnósticos transmudam, no seio de seu ser, o impuro em ouro do espírito. Seu verdadeiro segredo não é outro senão a transfiguração da alma e do corpo. Inúmeras entidades cuidam de manter em equilíbrio os reinos da natureza para que nosso planeta e toda a vida que há nele possam continuar a prosperar. No momento atual, numerosos movimentos globais tentam mudar o mundo, excluir a combatividade, a guerra e a violência.

Uma consciência de grupo mais elevada desenvolve-se na humanidade; é uma primeira resposta aos impulsos da energia cósmica de Cristo. Muitos jovens descobrem que têm uma parte de responsabilidade quanto à sorte da humanidade. Eles sentem-se intimamente ligados, mesmo que não se conheçam. Eles podem sentir algo da dor que o outro, em alguma parte do mundo, sente. Eles compreendem que a riqueza dos países ocidentais não se mantém, em grande parte, senão em detrimento de outros. Se queremos fazer justiça à vida, devemos considerar a base espiritual de nosso mundo. Temos a possibilidade de mergulhar na corrente que nasce do absoluto e dirige-se aos nossos países. Numerosos são os seres que, em nossa época, têm a capacidade de utilizar a energia cósmica de Cristo para despertar sua alma imortal. O caminho mais curto nesse sentido consiste em servir, inflamados de uma

nova consciência, a humanidade, o planeta e seus reinos naturais.

O *Bhagavad Gita* cita a respeito do Único, que vive em tudo e em todos os seres e religiões: “Em todas as coisas eu sou eu mesmo, de mim nasceu o universo inteiro, ele é a revelação de meu ser”. Encontramo-nos, como participantes, no seio de diferentes escolas. A humanidade necessita de diversos trabalhadores. Todos nós somos necessários. Nosso trabalho é acompanhado das mais ricas bênçãos se é animado por aquele que está encerrado no mais profundo de nós. Nele, nós somos Um. ✪

I Fractal é uma figura geométrica composta de partes mais ou menos similares à figura original. Os fractais podem incluir uma quantidade inifinita de detalhes e os motivos repetem-se em escalas cada vez menores. A geometria fractal complementa a geometria clássica em suas aplicações científicas, tecnológicas e informáticas.

as cores da palavra

Em todos os tempos houve reflexão sobre a palavra e seu uso. “Aquele que sabe não fala; aquele que fala não sabe”, observou o sábio chinês Lao Tsé no século 6 a.C.

Seis séculos depois, Paulo escreveu sobre a palavra, com a mesma ênfase, na Epístola aos Hebreus (4:12): “Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até a divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração”.

Qualquer que seja a língua falada, por meio da palavra a intenção torna-se clara. O que alguém sonha, o que sente, o que é realmente – tudo isso revela-se por intermédio da palavra. A palavra não é apenas um som ou um símbolo escrito. Ela é também uma força que o homem tem para expressar-se, comunicar-se, para pensar e, dessa maneira, dar vida aos acontecimentos. Assim sendo, é o instrumento mais poderoso de que dispõe o ser humano. É um instrumento mágico!

A PALAVRA LIVRE Como seríamos pobres se não dispuséssemos do dom da palavra! Em seu famoso livro *1984*, George Orwell demonstra como o abuso da linguagem pode ser destrutivo e desumano. Ele descreve uma sociedade opressiva, na qual as autoridades exercem o poder absoluto. Um dos meios a que recorrem é a linguagem. Uma reforma total do idioma – chamada “novilíngua” – destrói a educação e a cultura da época atual. A velha linguagem – chamada “anticlíngua” – é destruída, ao serem eliminadas todas as palavras “supérfluas”, usadas pelas pessoas para expressar matizes sutis. Assim, o vocabulário foi reduzido consideravelmente, e muitas palavras deixaram de existir. Termos com conotação desagradável, como “campo de trabalhos forçados”, foram substituídos por expressões mais suaves como “campo da alegria”.

Se alguém diz algo em novilíngua, o resultado é triste e monótono. Isso porque as

A palavra é uma espada de dois gumes, com um gume curador e outro divisor.

Às vezes é uma linha de união; outras vezes, uma linha de separação, ou uma mistura de mel e colocíntida.

Minhas palavras espargem flores a caminho do amado, ou semeiam ódio, como incêndio devastador.

Com palavras, canto.

Com palavras, lamento meu sofrer.

Com palavras, rezo.

Com palavras, procuro briga.

Com palavras, esvazio o coração perante ti, Senhor.

Com palavras, afasto-me de ti.

Com palavras, presto meu testemunho de ti e contra ti.

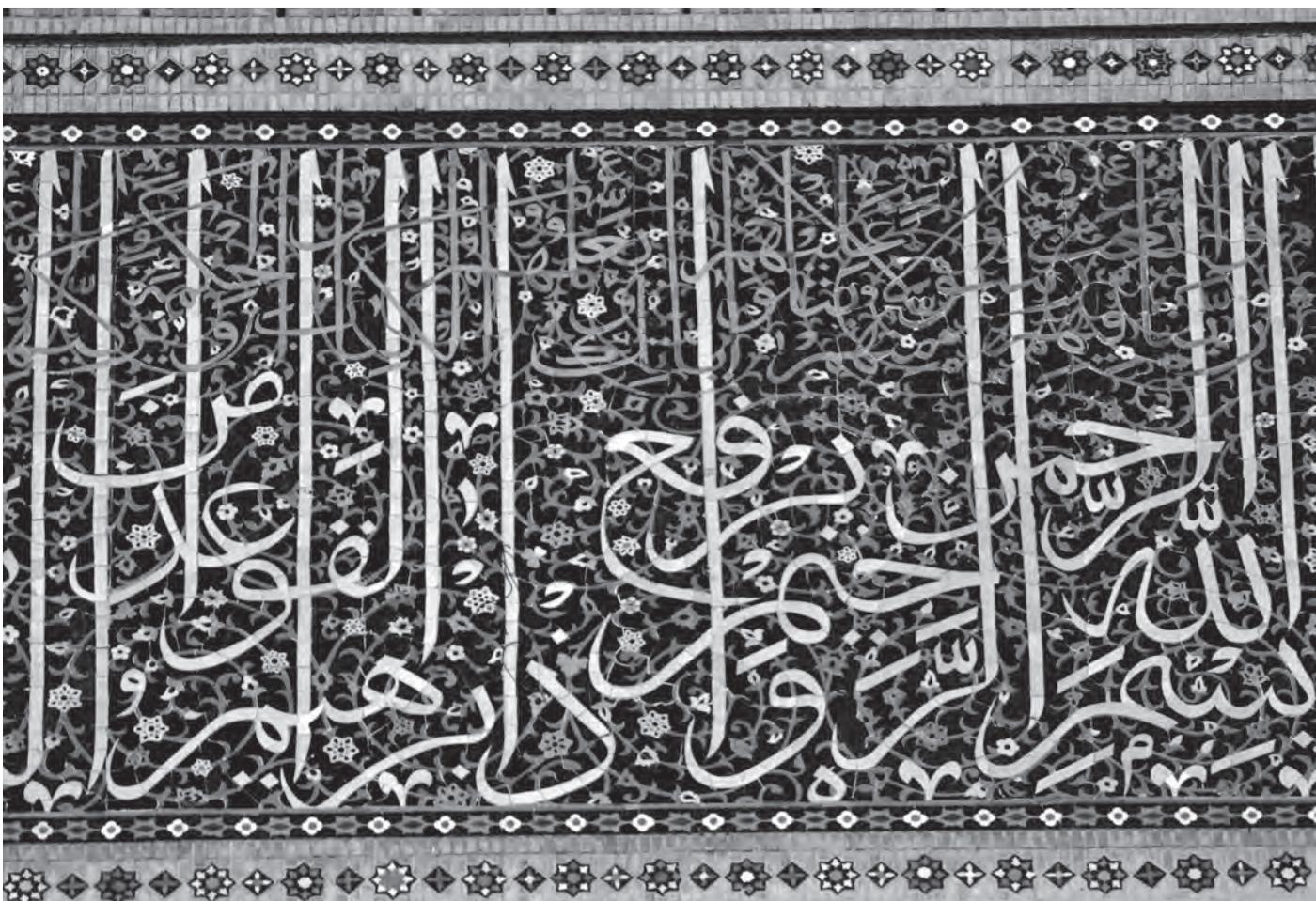
Se me fosse possível o silêncio absoluto,

eu o preferiria às palavras.

Ou será que assim quisestes, ó Deus, que eu viva indeciso entre a linguagem que não sacia a minha sede e um silêncio impossível para mim?

(Extraído de *Solilóquio ao pôr do sol*, Mikhail Naimy)

conquistas religiosas e culturais apenas podem ser expressas por meio dos variados matizes de um idioma. Na novilíngua, por exemplo, já não existe a palavra “claro”, que agora passou a chamar-se “inescuro”. Foram banidos do idioma todos os termos que pudessem levar as pessoas a refletir, palavras tais como: honra,



justiça, moral, democracia, ciência e religião. Assim, desapareceu qualquer estímulo à reflexão, e os seres humanos tornaram-se instrumentos submissos nas mãos dos detentores do poder. Sem a capacidade de usar uma linguagem própria, pessoal, eles já não conseguem

refletir sobre Deus, o céu e o além, porque essas palavras também foram eliminadas. O livro de Orwell, naturalmente, é apenas uma ficção. Mas o que dizer do empobrecimento da linguagem praticada no cotidiano? Basta pensar nas expressões usadas

“Todos tropeçamos em muitas coisas. Se alguém não tropeça em palavra, esse é homem perfeito, e capaz de refrear também todo o corpo. Ora, se pomos freios na boca dos cavalos, para que nos obedeam, então conseguimos dirigir todo o seu corpo. Vede também os navios que, embora tão grandes e levados por impetuosos ventos, com um pequenino leme se voltam para onde quer o impulso do timoneiro. Assim também a língua é um pequeno membro, e se gaba de grandes coisas. Vede quão grande bosque um tão pequeno fogo incendeia. A língua também é um fogo; sim, a língua, qual mundo de iniquidade, colocada entre os nossos membros, contamina todo o corpo, e inflama o curso da natureza, sendo por sua vez inflamada pelo inferno.”

(Tiago 3:2–6)

pronunciada. As restantes só nublam a mente, entopem o ouvido, irritam a língua e também cegam o coração. Como é difícil dizer a palavra que realmente deve ser dita! Em cada mil palavras escritas, pode ser que haja uma, somente uma, que, em verdade, necessita ser escrita. As restantes são tinta e papel desperdiçados e minutos aos quais se deu pés de chumbo em vez de asas de luz. Como é difícil, oh, como é difícil escrever a palavra que precisa verdadeiramente ser escrita!”

O uso desatento de palavras desnecessárias também pode causar sofrimento. Há palavras capazes de causar um sofrimento inimaginável a outrem, palavras que podem levar a uma grande maldade e até mesmo as que são apropriadas para atizar uma guerra! A Bíblia chama a nossa atenção para os efeitos negativos que palavras ditas inconscientemente às vezes podem ter.

Quando tentamos deter nossa própria eloquência, abre-se, aos poucos, um caminho de contemplação interior. Quando nos distanciamos disso, algo novo nos é revelado, uma nova palavra, algo que vem de dentro... Sim, o ponto do toque está no imo, no mais profundo do ser. Uma reflexão sobre a palavra “interior” nos leva ao impressionante início do Evangelho de João (1:1–4): “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens”.

diariamente nos modernos meios de comunicação, principalmente em e-mails, SMS e no Twitter. Não é um fato que o avanço dos novos meios tornou mais raros ainda uma conversa pessoal e o encontro de um ser humano com outro?

A cinzenta monotonia linguística de 1984 conscientiza-nos de que podemos trazer muitas cores à nossa vida, graças ao dom da palavra.

“Ano de fartura, ano de amargura” – diz um ditado popular. Isso é válido principalmente para o uso da palavra. Pesquisas revelaram que a mulher utiliza, por dia, cerca de 30 mil palavras e o homem, 25 mil! Diante destes números surpreendentes, cabe perguntar se tudo o que é dito diariamente corresponde ao seu propósito. Quem ouve regularmente essas conversas intermináveis à sua volta – os telefonemas que involuntariamente presenciamos nos transportes públicos, por exemplo – sabe o que responder a essa pergunta.

Muitas palavras de que nos valem são superfluas. A esse respeito, Mikhaïl Naïmy nos dá o seguinte conselho em *O livro de Mirdad*: “Evitai o demasiado falar. Em cada mil palavras pronunciadas, pode ser que haja uma, somente uma, que, em verdade, necessita ser

João nos apresenta o “Verbo” em seu aspecto fundamental: é o pensamento divino criador, do qual surgiram todas as coisas. A palavra é, portanto, a expressão do pensamento divino em relação à criação do homem. Com base nesse pensamento se desenvolveu o homem original em sua majestade espiritual, de quem pôde ser dito: Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. Aqui retomamos as palavras de Paulo, citadas no início: “Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes...” Elas nos indicam que a palavra é mais poderosa do que a espada, porque traz a vida, enquanto a espada traz a morte.

A força mágica da palavra também transparece no conhecido Salmo 33: “Porque falou, e foi feito; mandou, e logo apareceu”. Destas palavras pode-se concluir o seguinte: a palavra é a força criadora mais poderosa do Universo, após o próprio Deus. Nós, seres humanos do século 21, somos muito diferentes. A imagem da ideia original parece morta em nós, e a verdadeira vida, calada. E, no entanto, essa palavra, o pensamento original do verdadeiro homem, ainda está em nós!

A PALAVRA COMO CHAMADO A palavra, de fato, pode voltar a falar em nós! A fim de tornar possível a ressurreição do homem original, a força da palavra vem até nós sob a forma de um chamado. Dessa palavra emanam a força e a magia. Ela chama, desperta, ela encoraja à busca, ao silêncio,

O mundo desvenda-se em imagens
para quem entende
o sentido da linguagem.
O mundo revela-se como ser
a quem ouve
a alma da linguagem.
O mundo presenteia
com a força da sabedoria
a quem experimenta
o espírito da linguagem.
A linguagem confere seu próprio poder
a quem pode amá-la.
Assim,
quero voltar coração e mente
ao espírito
e à alma da palavra,
pois somente no amor a ela
irei sentir-me completo.
(Um aforismo de Rudolf Steiner)

a escutar atentamente. E, desse modo, o buscador ouve e percebe a verdade em si e ao seu redor. Por intermédio da verdade, ele certamente encontra a força para colocar-se a caminho da origem divina, da qual tudo surgiu, ele inclusive. No silêncio, na contemplação, abre-se espaço para o outro em seu coração, onde poderá nascer a palavra do início, a verdadeira palavra.

Voltemos à lição de Lao Tsé: “Aquele que sabe não fala; aquele que fala não sabe”. A poderosa palavra criadora do Universo não é uma fórmula mágica! Ela somente poderá ser empregada após correta preparação interior. É o que podemos ler numa passagem do *Evangelho Aquariano*, de Levi Dowling, cap. 130, vers. 8, na qual os discípulos de Jesus procuraram curar uma criança enferma, sem obter êxito. Ao perguntarem a Jesus a razão de seu fracasso, este lhes responde: “A palavra, sem espírito, não passa de fala vazia”. Quando a palavra é despojada de força espiritual, sua aplicação é inútil. ☸

a força do silêncio

As considerações seguintes sobre o silêncio não se limitarão à simples ausência de ruído ou sua eliminação. Na verdade, o homem pode libertar-se do efeito constrangedor que o fluxo constante de palavras em sua mente exerce sobre ele. O ser que alcançou o repouso do coração chega a um conhecimento profundo, muito especial, de natureza incomum, que o torna capaz de uma nova compreensão do homem e seu mundo.

Em nossa época, o silêncio tornou-se um raro estado de ser. A vida nos impulsiona a seguir um ritmo frenético, pois há sempre um trabalho intenso a ser realizado ou uma porção de coisas interessantes a serem experimentadas... Que significado tem o silêncio em nossa vida? O conceito de silêncio está presente em todos os textos que versam sobre sabedoria. Inúmeros poetas, pensadores e filósofos falam dele em suas obras. Isso nos mostra que o silêncio tem um significado profundo, que traz à nossa vida algo de essencial. O que vem a ser o verdadeiro silêncio? Ele não é o simples cessar dos ruídos e de outros sons. Trata-se de um estado arraigado nas profundezas do ser humano: o silêncio da alma. É um espaço, um momento, uma dimensão. Nesse espaço, podemos reencontrar nosso verdadeiro ser. É por essa razão que o silêncio e a energia que o acompanha têm para nós, seres humanos, significado tão especial.

Em um verso do poeta e filósofo persa, Rumi (1207–1273), está escrito: “O sábio e eu sempre conversamos em segredo. Uma vez lhe pedi: ‘Ensina-me os segredos do mundo’. E ele respondeu: ‘Mantém silêncio e deixa que ele desvele os segredos do mundo para ti’.”

Os mais profundos segredos do mundo e do ser humano estão ocultos no silêncio... E aí permanecem pelo tempo necessário até que o homem possa empreender sua busca, procurando alcançar os seus mistérios. Hermes é um buscador como esse. Ele busca essa verdade, a sabedoria inigualável. Mas, antes de poder

recebê-la, o buscador precisa ter recuperado o silêncio da alma – ou seja, precisa estar preparado para compreender, ouvir e receber interiormente. É por isso que Pimandro, a voz do silêncio, começa seus ensinamentos com as palavras: “E agora, fica silencioso, ó Hermes Trismegisto, e lembra-te bem daquilo que te irei transmitir”. Quando o homem hermético chega ao ponto de abrir o coração para o silêncio, descobre novamente, em seu próprio interior, oculto há muito tempo, o segredo da verdadeira vida.

O REDESCOBRIMENTO DA ALMA Em um dos livros mais antigos que versam sobre a sabedoria, lemos: “Vê a vida que tudo preenche, profundamente oculta em segredo. Quem pode compreender esse segredo? Quem pode sondá-lo? Em que língua pode ser expressa sua essência? Ninguém jamais o viu. Somente a alma pode compreender o segredo – quando a audição e a visão naturais forem imobilizadas”. Essas belas palavras do *Bhagavad Gîta*, joia da sabedoria indiana, desvelam-nos um fragmento do segredo da verdadeira vida. Trata-se da redescoberta da alma capaz de ouvir a voz do silêncio. Essa alma divina é uma dimensão oculta em nosso imo. Ela corresponde a um nível espiritual que o homem possuía em sua origem, do qual tomava parte totalmente e ao qual deverá retornar. É o verdadeiro sentido de sua vida e também sua missão.

Essa alma original, pura, está sempre presente no ser humano como um princípio espiritual



ရဲရဲမိမိကို နှစ်စလယ်
၆၇၂၂

Quem compreende a linguagem silenciosa das palavras em um muro em Myanmar? Qual é a mensagem?

Foto © Michel Landais

Quem conhece a sabedoria permanece no repouso eterno

superior. No entanto, está adormecida dentro dele, afastada, oculta. Ela tornou-se imperceptível porque o homem vive ligado aos sentidos físicos, direcionado exclusivamente por eles, e ocupa-se constantemente com o mundo exterior.

Apesar disso, mesmo neste mundo tão alienado, barulhento, tenso e perturbado, uma energia espiritual renovadora, superior, provinda das profundezas do ser, ainda irradia continuamente.

O SOM PRIMORDIAL É a luz, a vibração, o som nascido do silêncio do eterno. Esse som primordial gera a luz e a vida. Ele envia ao mundo suas vibrações, um chamado a procura de ressonância na alma humana adormecida. Essa força espiritual do cosmo tenta entrar em contato com o núcleo espiritual do homem. Somente quando o silêncio chega a penetrar no coração do ser humano pode acontecer uma resposta provinda do núcleo divino, localizado no coração. A palavra *resonare* em latim significa: ressoar, reverberar, repercutir. O despertar do princípio espiritual oculto, adormecido dentro de nós, apenas pode acontecer mediante esse tornar-se silencioso. Isso significa dissolver, cessar as paixões desencadeadas por desejos, pensamentos egocêntricos e

pelo instinto de autoconservação. Então, esse princípio espiritual pode voltar a respirar, e, daí por diante, a ressonância torna-se possível. O ponto de partida, a base para alcançar a percepção interior, essa resposta, consiste na criação de um espaço vazio dentro de nós – e esse espaço nasce do silêncio – o silêncio descrito por Lao Tsé:

“Se o coração permanentemente ‘não é’, se ele permanece livre de todos os desejos e interesses terrenos, é possível contemplar o mistério da essência espiritual do Tao.”

Algo se eleva do mais profundo do coração purificado e penetra, por assim dizer, na consciência. Desse modo, quando a voz interior oculta em nós recomeça a falar, cria determinado movimento e nos perturba. É algo muito insistente, algo que nos adverte, chama e faz sair em busca do segredo de nossa existência. Começamos a indagar: “O que estou fazendo neste mundo? Para onde a vida está me levando? Quem sou eu? O que significa minha transitoriedade e onde posso encontrar algo permanente? Será que existe algo de eterno no ser humano? Será que existe em mim um ser verdadeiro, espiritual, que pode harmonizar-se completamente com um nível de vida que desconhece guerra, culpa e todas as limitações e imperfeições terrestres? Como posso encontrar isso?”

Quando surgem essas indagações, é sinal de que o ser humano chegou a um ponto em que nada neste mundo o satisfaz: nem fatos, nem experiências, nem conhecimento algum. Então, essa pessoa busca um sentido, um significado para a vida.

ALCANÇAR O SILÊNCIO DOS SENTIDOS Nesse estado, a pessoa começa a afastar-se das aparências e a buscar a causa de todas as causas. Ela deseja obter sabedoria – não o conhecimento em sentido mundano, porém a verdadeira sabedoria, a Gnosis. No Livro 12 do *Corpus Hermeticum*, Hermes Trismegisto diz: “Silenciemos diante do Senhor, para que possamos verdadeiramente escutar, para que possamos verdadeiramente compreender”. O estado silencioso é assim descrito por Lao Tsé: “Quem atinge a vacuidade suprema mantém uma quietude eterna [...] Ele permanece em perfeita quietude, enquanto se processam a abertura e o fechamento das portas”. O repouso decorrente do silêncio, do apaziguamento dos sentidos e da descoberta do espaço interior, revela então ao homem que a existência terrestre não é a verdadeira vida, segundo a vontade divina. Ele observa que o mundo gira em círculo vicioso, com eternas repetições. E ele aí não poderá encontrar verdadeira satisfação para sua vida. Então, procura um meio de sair dessa camisa de força sufocante, decorrente de sua existência limitada e egocêntrica. O ser humano buscador, anelando seu ser verdadeiro, logo percebe ser necessário criar um espaço

para si mesmo. Ele mesmo precisa tornar-se um receptáculo onde possa acontecer essa mudança e renovação. E esse espaço é o silêncio!

PURIFICAR O ESPELHO DO CORAÇÃO A energia que emana do silêncio nos permite purificar o espelho do coração. A partir desse momento, o coração, já liberto de qualquer desejo ou egoísmo, passa a refletir o Outro – o verdadeiro ser humano em nós. Alguém poderia dizer: “Tudo isso é muito bonito: anseio pela paz, esforço-me por encontrar o silêncio, desejo obter a energia capaz de deter o giro dos meus pensamentos e sentimentos... mas não consigo!” No livro *A Voz do Silêncio*, de H. P. Blavatsky, podemos ler: “Antes que a alma possa ouvir, a imagem (o homem) tem de se tornar surda aos rugidos como aos segredos, aos gritos dos elefantes em fúria como ao sussurro prateado do pirilampo de ouro. Antes que a alma possa compreender e recordar, ela deve primeiro unir-se ao Falador Silencioso, como a forma que é dada ao barro se uniu primeiro ao espírito do escultor. Porque então a alma ouvirá e poderá recordar-se. E então ao ouvido interior falará a Voz do Silêncio”. Aqui encontramos novamente referência à alma: ela ouvirá, ela se recordará, ela compreenderá no momento em que se unir ao Falador Silencioso. O Falador Silencioso é o som sem som, o eterno chamado proveniente da causa primeva do ser. A alma pode percebê-lo no silêncio – no espaço que liberamos em nós mesmos. É desse espaço que nascem clareza e profunda compreensão.

COMPREENSÃO Começamos a compreender nosso próprio funcionamento. Começamos a reconhecer o mundo, tal como ele se manifesta tendo o Espírito como pano de fundo, qual é sua verdadeira missão e finalidade. Vemos, também, que nosso ser interior não pertence aos limites deste mundo. Ele pertence ao universal, ao oceano do ser. Quando surge essa compreensão, o ser humano muda o centro de gravidade da vida. Trilhando o caminho do silêncio, ele reencontra o verdadeiro eixo no coração. O que determina sua vida já não é o mundo da animação, da atração, nem o mundo da repulsão e da guerra. Seu objetivo interior passa a ser outra ordem de vida, muito diferente, espiritual e perfeita.

Sobre esse assunto, J. van Rijckenborgh diz: “Aqui nos é mostrado que existe um poderoso segredo de vida, um mistério ligado ao coração, que pode e deverá ser resolvido por vós mesmos. Esse segredo é: Como deslocar o centro de gravidade de vossa vida, a raiz de vossa existência, das profundezas da terra para a terra original do Logos? E vós já o sabeis: é o segredo do coração”.

Será que podemos ter acesso a esse segredo, observá-lo, analisá-lo e elevá-lo à claridade de uma nova consciência? Sim. Desde que entremos no silêncio, abramos esse espaço interior e nos entreguemos confiantes à energia que essa nova consciência traz consigo. Somente então terá início em nós um processo que conduzirá a um novo desenvolvimento.

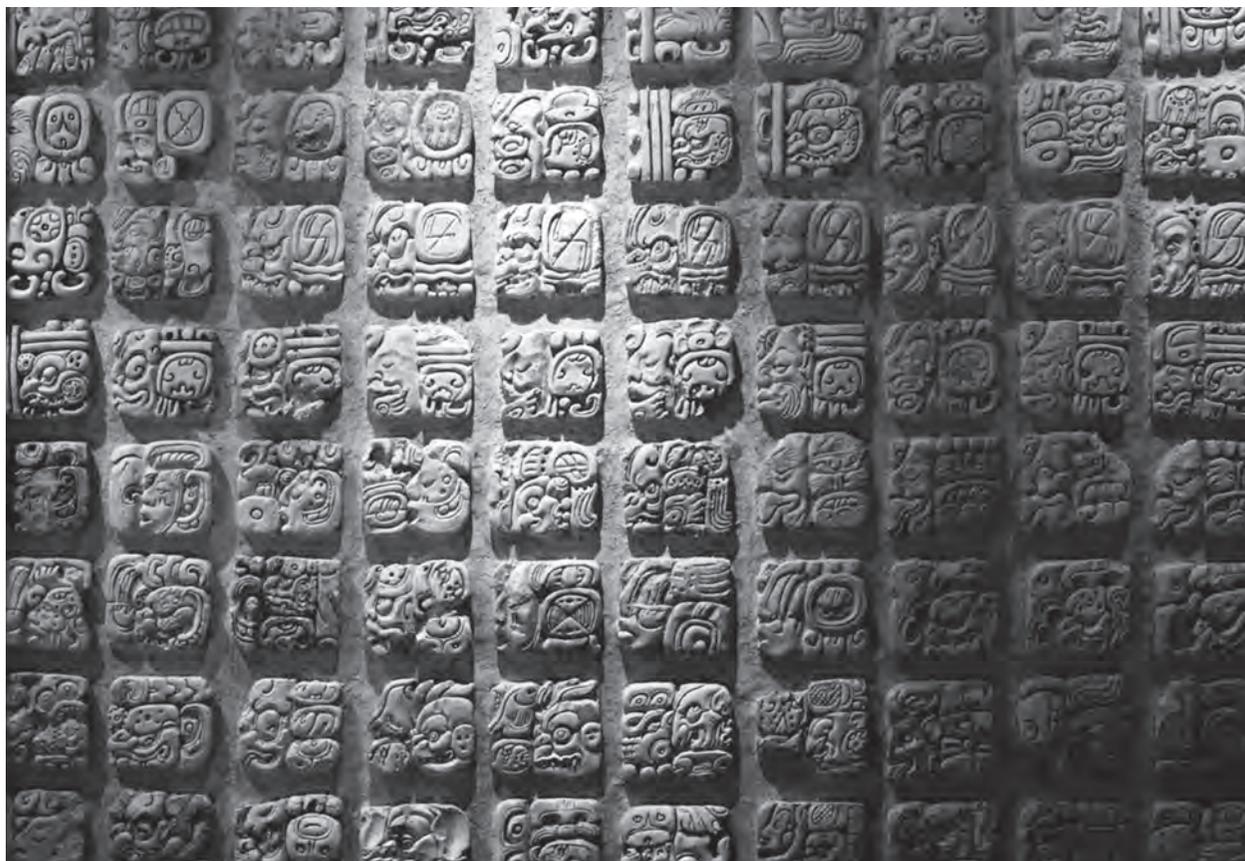
TRANSFORMAÇÃO O coração torna-se um lugar maravilhoso, um lugar de repouso e harmonia, quando nosso pensamento e nossa atitude de vida se sintonizam com ele. Nossa audição interior, nossa alma original, pode novamente assimilar todas as vibrações, todos os sons da voz interior renascida. Então, o silêncio interior do coração torna-se a ponte para o silêncio da eternidade. Nosso ser mergulha na fonte da vida eterna: “Vê! tornaste-te a luz, tornaste-te o som, és o teu Mestre e o teu Deus. Tu próprio és o objeto da tua busca: a voz sem falha, que ressoa através de eternidades, isenta de mudança, isenta de pecado, os sete sons em um, a Voz do Silêncio”. (H.P. Blavatsky, *A Voz do Silêncio*). Aquele que começa a escutar o som interior se tornará silencioso. Ele encontrará o silêncio, e o escutará e obedecerá – o que significa: cumprir a lei interior que vibra dentro de nós, seres humanos.

Em um poema intitulado *Eternidade*, Manfred Kyber escreveu:

*Cada vez, sempre novamente,
retornas ao seio cambiante da terra
até aprenderes a ler na Luz
que viver e morrer são uma só coisa,
e que o tempo é atemporal.*

*Até que a corrente laboriosa das coisas
tome forma em ti,
como círculos que repousam.
A vontade do mundo repousa, então, em tua vontade.
O silêncio está em ti:
o silêncio e a eternidade. ✪*

frases remendadas



Glifos maias

Quem redige textos regularmente com certeza já passou por esta situação: tem-se determinada noção na cabeça e uma ideia aproximada da próxima frase, algumas palavras importantes, com predominância de verbos e substantivos. Então, começa-se a escrever. Mas os pensamentos avançam sorrateiramente, e uma dessas palavras importantes aparece de repente no papel, embora talvez ainda nem seja sua vez na estrutura da frase. E então acontece algo singular: começa-se a ajustar o resto da frase à palavra escrita antes. Com remendos verbais, tenta-se salvar o que ainda pode ser salvo para, de algum modo, introduzir ainda nessa frase o curso de pensamentos intencionado.

O resultado é uma frase desastrada, de difícil compreensão por sua construção complexa e linguagem tortuosa. E pode piorar ainda mais, se a frase remendada toma uma direção absolutamente distinta da intenção original.

Até mesmo em histórias pessoais ocorrem frases remendadas. Uma palavra ou ação incorreta no momento errado podem trazer conseqüências e gerar problemas com os quais se tem de lidar por longo tempo. No pior dos casos, elas podem atrapalhar toda uma vida. E história atrai história...

Um escritor inteligente é capaz de apagar suas frases remendadas e, assim, relatar a história recente de sua vida. ✪



A vida tem seu próprio ritmo, e cada um de nós tem o seu. Os dois devem harmonizar-se para que se cumpra o que devemos realizar e, ao cuidar da prosperidade do todo, colhamos bem-aventurança e serenidade.

Victoria Moran



“O surgimento do amor na tua vida, na noite do teu coração, é o despontar em ti de uma nova aurora. O anonimato torna-se intimidade e o medo, coragem. Tua vida até então instável é de agora em diante levada em ritmo de bondade e encantamento; teu ser outrora ferido, despedaçado, harmoniza-se ao ritmo delicado do ser. O surgimento do amor na tua vida é como um renascimento, um novo início.”

John O'Donohue

o peso das palavras

O gelo revela algo muito especial: sua estrutura cristalina é determinada pela qualidade vibratória da água no momento em que ela se transforma em gelo. Seria possível fazer uma analogia entre esse fenômeno e os seres humanos?

Masaru Emoto, um cientista japonês, surpreendeu o mundo com suas experiências utilizando a água. Em uma dessas experiências, Emoto etiquetou pequenos frascos contendo amostras de água e as congelou. Depois, fotografou os cristais que se formaram. As fotografias mostraram uma clara relação entre o grau de beleza das estruturas cristalinas e o significado das palavras nas etiquetas. Posteriormente, a análise de suas características revelou que a água tende a conservar informações intangíveis. Nesse nível das experiências, o elemento mais importante, ou seja, o poder das palavras, foi deixado um pouco de lado.

A pergunta então é a seguinte: as diferenças provêm somente da intenção que acompanha a palavra, ou é a própria palavra que transforma a água? (E isso também se relaciona com a água em nossos próprios corpos). Ou as diferenças se explicam tanto pela intenção quanto pela própria palavra? Algumas observações destacam o impacto real de uma palavra, independente da intenção que a acompanha. Uma pessoa sensível pode, mesmo sem ser religiosa, sentir o impacto negativo quando confrontada com uma blasfêmia, mesmo quando o emissor alega não ter uma intenção particular. Em tais casos, poderia tratar-se de simples autossugestão. No entanto, em Psicologia é usado o conceito de “duplo-vínculo”, como por exemplo nas frases “seja espontâneo” ou “você deve amar”. Uma palavra pode, de fato, distintamente, literalmente, possuir um valor intrínseco.

Na numerologia cabalística, cada palavra e caractere são relacionados a um número. O número refere-se ao significado oculto na palavra. Ele não vai mudar de sentido se for pronunciado com uma intenção diferente. Então, vamos distinguir apenas entre o significado da palavra e o significado da intenção. Cada um de nós certamente já experimentou os efeitos dramáticos das palavras. Uma pequena palavra pode magicamente trazer um sorriso ao nosso rosto. E um comentário banal a respeito da aparência de alguém pode levar esta pessoa a sentir-se mal. Às vezes uma palavra ou frase, de repente, impulsiona-nos a um grande salto para frente. Desse ponto de vista não há muito a dizer sobre o poder das palavras. Em cada um de nós deveria haver um guardião capaz de dominar a língua, colocando-nos em estado de alerta antes de falarmos ou chamando nossa atenção quanto à maneira como nos expressamos. Quem está atento ao que diz e ao modo como fala assume a responsabilidade por suas palavras. Impulsionado pela boa intenção de fazê-lo, contribui para a felicidade dos que o cercam.

Por influenciarem pessoas e situações, as palavras podem ser usadas para manipular. É óbvio que tal atitude produz resultados desastrosos, e não apenas na pessoa que é alvo dessas palavras. Consideremos o caso de uma pessoa que, por suas palavras, se esforça para ajudar a elevar os outros, sem ferir ninguém. Suponhamos que, ao longo do dia e durante o tempo todo, ela seja capaz de conservar sua maneira de se exprimir e que cuide para que

a “emissão” seja continuamente justificada. A recepção de suas palavras seria automaticamente boa?

Já vimos que a palavra dispõe de uma carga emocional. Nos experimentos de Emoto sobre a água, a palavra “amor” produz um belo cristal. Mas o mesmo termo utilizado no estrito contexto de relações físicas adquire para o ouvinte um significado que se instala automaticamente. A palavra “Deus”, por exemplo, faz surgir na maioria das pessoas uma série de imagens. No entanto, o significado puro da palavra muitas vezes já não é reconhecível. À menção da palavra Deus, o disco começa a girar e já não é possível retirar a agulha do sulco. Se usarmos outra expressão, por exemplo, Luz ou Criador, evitando associações determinadas pelos hábitos, o resultado poderá ser renovador. O disco para de girar e o ouvinte tem a oportunidade de apreender o conceito de Deus de maneira totalmente nova.

Suponhamos que essa nova forma de perceber as coisas tenha sua origem no próprio pensador e seja enraizada nele livre de condicionamentos transmitidos por educadores, governo ou qualquer outra entidade; então, ele poderá libertar a noção de “Deus” de tudo o que a ela foi ligado e perceber seu verdadeiro significado. Além disso, se ele pronunciar a palavra “Deus” com todo o seu ser, então, uma energia muito especial acompanhará a sua expressão. Muitos sabem, pois fizeram essa experiência.

Quem assim fala, usa a linguagem do período que precedeu a confusão babilônica, uma linguagem simples, a linguagem da unidade, que evita qualquer equívoco, engano ou distorção, e não precisa ser simplificada, analisada ou distorcida. Quem assim se expressa, de maneira simples e verdadeira, não cairá na armadilha de acreditar que sua forma natural um dia se tornará perfeita. Ele compreende o uso indevido da inteligência de muitos que ainda querem construir uma torre de



Escultura de Bernard Pécout no centro de conferências La Licorne, em Gignac, França. © Michel Landais

Babel. O primeiro passo consiste em instalar uma sentinela ao lado de nosso modo de expressão e das possíveis consequências de nossas palavras. Poderemos sentir como nossas palavras são acolhidas pelos outros, e interiormente descobriremos o que nós mesmos fazemos delas. Podemos observar os danos causados por palavras desnecessárias, supérfluas, como elas matam não apenas o tempo, mas também aspectos da alma, e como uma utilização superficial pode enfraquecê-las completamente. Por fim, tornados sábios por meio desta análise, poderemos compreender Lao Tsé: “Sede prudentes. Usai as palavras com respeito”. Essa palavra é suficiente para a renovação de uma história que não contém nem uma palavra a mais nem uma palavra a menos. ✪



Faça sempre o que é justo. O resto pouco importa. Frio ou morno. Cansado ou disposto. Desprezado ou honrado. Morrendo... ou ocupado com alguma tarefa. Porque morrer é também uma de nossas tarefas na vida. Faça o que deve ser feito. Dirija seu olhar para dentro. Não deixe escapar o real valor das coisas. Mais um pouco de tempo e tudo que existe será transformado. Tudo se dissolve como fumaça, partindo do princípio de que tudo está destinado a se fundir no “um” ou a explodir em milhares de fragmentos... Pratique cada ação desinteressadamente, guardando sempre Deus em você. Somente aí estão a alegria e o silêncio... Quando os acontecimentos o chocam, o que inevitavelmente acontece, volte sempre seu olhar para você mesmo e guarde, sempre que possível, o seu ritmo. Se puder fazer isso sempre, você guardará a sua harmonia.”

Marco Aurélio, *Meditações*

UM EXEMPLO FASCINANTE DA ÉPOCA DO ILUMINISMO

a contemplação central de johann michael hahn

A história da humanidade está repleta de exemplos do que se costuma chamar de iluminação. Naturalmente a mais conhecida é a iluminação de Buda sob a árvore bodhi, na Índia. No século passado, Jiddu Krishnamurti também vivenciou sua iluminação sob uma árvore, embora na América do Norte. Bem mais impetuosa foi a iluminação do apóstolo Paulo, que acabou sendo derrubado do cavalo! A iluminação de Hahn, por ele chamada de contemplação central, aconteceu em plena luz do dia, ao regressar da lavoura onde trabalhava como camponês.

Bem mais tranquila ela aconteceu para J. Anker Larsen, um escritor do século XX. Ele não estava sob uma árvore, mas sentado comodamente numa poltrona de jardim, quando a luz se revelou, dentro e fora dele, em toda a sua onipresença. Muito tempo antes, no “ano do Senhor 1600”, Jacob Boehme, místico do século XVI, meditava, concentrado no reflexo de uma vasilha de estanho, quando de repente a luz lhe revelou o segredo do Universo, o que o motivou a escrever o livro *A aurora nascente*. Johann Michael Hahn, um profeta iluminado, era originário da região situada entre a Floresta Negra e a Suábia, e as cidades de Calw e Tübingen. Ao que tudo indica, parece haver uma atmosfera especial nessa região no que diz respeito à inspiração religiosa, pois ali atuaram várias personalidades proeminentes, entre elas Tobias Hess e Johann Valentin Andreae, os iniciadores dos manifestos rosa-cruzes. O alemão Hahn viveu no período do Iluminismo; uma era de grandes nomes, tais como Goethe e Schiller, bem como o jovem Mozart.

A Baviera era o centro de atividade de Karl von Eckartshausen, com quem Hahn tinha muito em comum, no aspecto espiritual, embora não haja indícios de se conhecerem. Na França surgiu Louis-Claude de Saint Martin (1743–1803), enfaticamente inspirado por Boehme. Em suma: um período bastante movimentado, também no aspecto espiritual.

Johann Michael Hahn viveu de 1758 a 1819. Tendo perdido a mãe aos quatro anos, sofreu maus-tratos por parte da madrasta. Paralelamente ao trabalho como camponês nas terras do pai, exercia o ofício de relojoeiro, típico da região da Floresta Negra. Como tinham pouco o que fazer durante os meses de inverno, muitas famílias de agricultores passaram a fabricar relógios cuco. Na sexta-feira santa de 1774, Hahn teve uma experiência espiritual especial ao cantar a canção religiosa “Aquele na cruz é o meu amor”. A partir de então, passou a ler a Bíblia com afinco. Isso levantou uma série de dúvidas que culminavam nas perguntas: Quem e o quê é Deus? Quem criou este mundo e como o fez?

O pequeno todo do ser humano submerge no arquétipo e vê, na verdade, com os olhos de Deus a plenitude infinita, a causa de todas as coisas, seu início e seu fim

No verão de 1777, teve a sua primeira “contemplação central”. Ela consistiu em uma iluminação de três horas de duração, durante a qual a luz recaiu sobre todas as suas perguntas e ele encontrou as respostas. A expressão contemplação central equivale realmente a contemplar o centro. Trata-se de uma visão a partir do centro do nosso ser, o ânimo, a habitação de Deus em nós. Desde esse dia, Hahn passou a frequentar as reuniões dos pietistas no seu vilarejo, Altdorf. Isso, contudo, resultou em conflito com o pai. Todavia, eles reconciliaram-se após alguns anos. Johan Michael ganhou seu próprio quarto, onde podia dedicar-se em paz a seus estudos bíblicos. Em 1783 a luz tocou-o novamente, experiência essa que se estendeu por sete semanas. Foi quando, claramente iluminado a partir de dentro, em plena consciência dos sentidos, a terra transformou-se para ele em céu. Ele descreveu essa experiência dizendo que pôde ver – a partir do “interior” da cruz de Cristo – todo o plano de Deus. E esse conhecimento de Deus, ao mesmo tempo, levou-o ao autoconhecimento.

Aos poucos, começou a falar sobre suas experiências religiosas durante as reuniões pietistas, inicialmente em Altdorf, onde nascera, mas logo também em outras aldeias e cidades das imediações. Também começou a escrever sobre suas revelações, o que o levou a um conflito com a hierarquia eclesiástica de seu tempo – como também acontecera a Jacob Boehme. A perseguição que sofria, por parte de um pastor, agravou-se com o tempo e acabou prejudicando sua reputação em uma ampla região, de forma que Hahn

manteve-se afastado de tudo de 1789 a 1794. Com a morte do pai nesse ano, mudou-se para Sindlingen, perto de Herrenberg, onde ficou sob a proteção da duquesa Francisca von Hohenheim. Ela mandou construir para Hahn uma grande casa, onde ele pudesse realizar suas reuniões com os amigos pietistas. Entrementes, ele havia tomado conhecimento dos escritos de Jacob Boehme e outros místicos e poetas, como por exemplo Jung-Stilling e Tomás de Kempis. Johann Michael Hahn descobriu várias analogias entre Boehme, seu irmão em espírito dois séculos mais velho, e ele próprio. Ambos tiveram origem humilde, vivenciaram revelações e experiências interiores semelhantes e compartilhavam o mesmo ponto de vista sobre a Bíblia. Ambos enfrentaram a resistência da hierarquia da Igreja e foram protegidos pela nobreza. Enquanto o poeta Hölderlin definhava em sua torre em Tübingen, Beethoven enfrentava dificuldades para compor a Sinfonia Eroica em Viena, e Napoleão, em seu expansionismo, atravessava o território alemão com seu exército, Hahn percorria as regiões de Baden e Württemberg, discursando nas cidades. Seus adeptos, com o tempo, chegaram a 10.000. Além disso, redigiu inúmeros comentários sobre a Bíblia e cartas encorajadoras a correligionários e buscadores da verdade. Escreveu grande quantidade de poemas e compôs canções.

O mais importante para Hahn era que se entendesse a Bíblia de forma espiritual, e sempre se aplicasse na vida cotidiana o que havia sido entendido. Ele distanciou-se muito de qualquer

dogmatismo da Igreja. Por ser um orador de grande talento, era procurado por grupos que haviam deixado a Igreja, como os pietistas, a irmandade Herrnhuter e outros separatistas. Logo seus adeptos começaram a chegar de todo o território de Baden e Württemberg. Muitos sentiam-se atraídos por sua rejeição aos dogmas e por seu engajamento sobretudo em prol da liberdade de consciência. Hahn achava não haver nada mais nobre para seres racionais do que essa liberdade. Johann Michael também ensinava o respeito e a veneração por toda a criação, ou seja, também pelos animais e plantas. Ele não falava somente sobre a Bíblia, como também sobre “o livro da consciência” e “o livro da natureza”, no qual todas as forças divinas se revelam. Sua ampla visão não o impediu de continuar fiel à Igreja Protestante, assim como Jacob Boehme, a seu tempo, também permaneceu na sua igreja, apesar das injúrias que teve de suportar da parte desta. No caso de Hahn, elas não foram tão graves. Antes de apresentar alguns exemplos de sua doutrina, deixemos que o próprio Hahn se manifeste sobre a contemplação central: “Essa contemplação das profundezas ocultas da sabedoria, do solo materno original... não pode ser um exame isolado de fora para dentro, devendo ser descrito como o ato de contemplar, mergulhado em si mesmo, a partir do centro de todos os seres e da vida; o pequeno todo do ser humano submerge no arquétipo e vê, na verdade, com os olhos de Deus a plenitude infinita, a causa de todas as coisas, seu início e seu fim. Isso é o que se entende por conhecimento desde o início”. Segundo Hahn, desse modo a contemplação central pode constituir a passagem da relação mediata para a relação imediata (e, portanto, direta) com Deus.

Prosseguimos com suas palavras: “Quem, contudo, fez a experiência de que a alma somente pode encontrar seu verdadeiro destino em Deus deve evitar depender das criaturas terrestres (do que é terrestre), do contrário o fluxo será



Johann Michael Hahn viveu de 1758 a 1819

perturbado e adulterado; perde-se então a relação direta e ininterrupta com a fonte primordial. E assim como a incansável pesquisa, a busca do homem sensato é condição prévia para que ele possa experimentar a relação direta com Deus; a contemplação central também é uma dádiva, um dom, mas que não está no poder de quem a recebe, nem à sua disposição”.

Hahn diz que ele próprio não pode lidar com ela como quer; certa vez ele vê muito, outra vez menos, de forma a entender que ele próprio não é nada e apenas lhe cabe esperar pelo que lhe é presenteado. Além disso – ele observa – é justamente um sinal de ter sido chamado, quando quem foi tocado pela luz se rebela contra o chamado. Todavia, depois de proferir a oração “não se faça a minha vontade, mas a tua”, essa pessoa saberá que está firmemente protegida e as portas do inferno já não poderão subjugar-lá. É claro que o ensinamento de Johan Michael Hahn não é uma sabedoria que se encontra em livros, ou uma filosofia artificial, composta de pensamentos bem fundamentados, senão até geniais; pelo contrário,



ela é um testemunho vivo das próprias vivências, transmitido de maneira simples e direta aos que se interessam pelo assunto.

O que Hahn tem a dizer a um homem “prudente”, como ele costumava dizer? Quem, a partir do centro de seu ser, contempla o mundo divino está claramente imbuído de que o reino de Deus, o princípio espiritual, está no interior do próprio homem. Ele expõe a questão da seguinte maneira: em Cristo, Deus concluiu tudo; agora é a vez de o ser humano suportar tudo novamente em si próprio e realizá-lo. O cristão precisa “igualar-se a Deus”, isto é, tornar-se, pela graça, um “pequeno Deus e Cristo”. No início, essa realização processa-se no homem somente a partir do núcleo espiritual. Hahn refere-se à semente que deve amadurecer até tornar-se um fruto. Assim, abrem-se muitas possibilidades para a boa vontade e a liberdade do homem, mas... tão certo quanto sem “ela”, sem a força-luz, nada podemos fazer, ela também não consegue fazer nada sem nós! É preciso querermos e participarmos em todos os aspectos, pois a luz jamais nos obrigará. Involuntariamente acabamos pensando nas palavras dos rosa-cruzes: *Jesus mihi omnia* – Jesus é tudo para mim, sendo que “Jesus” deve ser entendido como uma atmosfera de pura radiação-alma, como força de graça. Sobre o processo que se desencadeia, Hahn diz o seguinte: “A experiência prova e ensina que sempre tem início uma grande

luta quando a alma busca a Deus com cuidado e o escolhe livremente. No entanto, é justamente por essas oposições em seu ser que o ser humano consegue crescer. Com base na experiência viva, por meio dessa resistência, ele aprende a conhecer as diferentes forças de Deus e as forças contrárias do mal. Graças ao conhecimento correto e, por conseguinte, à decisão correta, ele ganha força nessa luta. Em outras palavras: na força de Cristo, que tudo enfrentou, nós também poderemos enfrentar as dificuldades e chegar à superação. No ânimo do homem os dois princípios – luz e trevas – se confrontam. Adão e Cristo são a personificação dos arquétipos desses dois princípios, e ambos querem obter poder sobre nossa alma. O que importa, em todas as tentações, é permanecer na luz, não largar a mão de Cristo, e voltar-se constantemente para a força da graça”.

O próprio Hahn sabia ser preciso um esforço contínuo na persecução do seu objetivo e admitir falhado muitas vezes. Seu lamento, porque os avanços são muito lentos no caminho, faz-nos entender que o ideal da perfeição não lhe dava trégua. Ao mesmo tempo, constituía um incentivo à humildade e a esforçar-se mais ainda. “Quanto a isso, até mesmo o melhor cristão é sempre apenas um aluno.” E infelizmente – diz Hahn – acontece muitas vezes que, depois de termos visto o Altíssimo uma vez, em nosso entusiasmo tendemos a querer conservar essa pérola e acabamos

As cinco personalidades mais influentes do pietismo alemão. Da direita para a esquerda: Michael Hahn (1758–1819), Immanuel Gottlieb Kolb (1784–1859), Johann Martin Schaeffer (1763–1851), Anton Egeler (1770–1850) e Johannes Schnaitmann (1767–1847). À frente há uma cadeira vazia. Para isso, há duas interpretações: Alguns vêm essa imagem como um silencioso convite para o observador ingressar nessa irmandade; outros explicam a cadeira vazia como símbolo da presença de Deus.

tornando-nos precipitados, imprudentes, ansiosos e voluntariosos. Então desce sobre nós “a noite da escuridão”. A luz do dia nos é tomada por tempo indeterminado. Isso nos lembra João na cruz, com sua “escura noite da alma”.

Hahn deixa bem claro que o renascimento não inclui nenhum aspecto da nossa forma exterior de manifestação. Do mesmo modo, também não são corrigidas ações errôneas da pessoa. Não é assim que funciona! O ser humano será fundamentalmente diferente; no velho corpo segundo a natureza se desenvolve o novo e verdadeiro corpo espiritual. Dele brotarão, um dia, os frutos consonantes com o novo estado. Assim como herdamos de Adão (o homem segundo a natureza) o princípio dos contrários, da injustiça e de estarmos fora da luz, pela fé poderemos receber o princípio da justiça divina. E nesse novo princípio – que ele denomina Cristo – a justiça divino-espiritual manifesta-se como moral espiritual.

O ser humano no qual surgiu o “espírito do Espírito” possui uma vida espiritual e pode herdar o reino de Deus. A “semente do Espírito”, que contém o germe da divindade e quer brotar para a perfeição, impele o homem renascido nessa direção. Hahn verifica ainda que um verdadeiro cristão ama toda a verdade e deseja atrair toda a atmosfera da pura radiação-alma – que é Jesus.

*Senhor, a ti quero render-me,
Toma todo o meu eu,
Senão não poderei viver eternamente,
Absorve-me todo em ti.*

Hahn baseia sua coragem de falar sobre a

perfeição na expectativa de que as crianças se tornarão como a mãe, porque ela quer assim e também prometeu solenemente. Mais tarde se verificará se as decisões que o ser humano toma nesse processo incentivaram ou impediram o seu amadurecimento. Para Hahn, o homem pode meditar; essa introspecção ou meditação não é mais do que voltar-se para a cruz interna da alma, onde é sacrificado e aniquilado tudo o que é da natureza e poderia apegar-se à alma. Quanto mais extinguir-se e morrer a sua natureza terrestre, o seu homem exterior, tanto maior será a renovação do homem interior; e tanto maior será a sua participação na natureza divina – segundo Hahn.

A CONCLUSÃO DE HAHN PARA O MUNDO E A HUMANIDADE Um dia, Deus haverá de superar o caos de todo o cosmo. Essa certeza de Hahn baseia-se na experiência de que Deus superou a ira nele, no microcosmo. Tanto no grande como no pequeno, irá manifestar-se, no final, o corpo espiritualizado que ele chama de “corporeidade espiritual”. Também em relação à história, ao transcurso do tempo e da eternidade, Johann Michael procura impor seu “pensamento holístico”. A perfeição do mundo será alcançada em uma sequência de eras. Elas realizam em âmbito macrocósmico o mesmo processo que ocorre no indivíduo em nível de microcosmo. Do trono de Deus e do Cordeiro flui a corrente da vida, em cujas margens há árvores da vida carregadas de frutos da vida. Com esses

alimentos será alcançada a cura dos que ainda estão distantes.

E os reis-sacerdotes sempre irão disseminar todos os remédios e recursos da graça, tudo o que eleva e ensina, encoraja e alegra. Eles transmitirão e incentivarão os conhecimentos de Deus e Jesus, multiplicando a bem-aventurança. E tentarão reconstruir tudo o mais rápido possível, a fim de se tornarem iguais à essência de Jesus, do divino. Em suma, todos os que crescerem e atingirem a perfeição, graças à ajuda desses reis-sacerdotes, isto é, recuperarem a magnificência perdida por Adão, por eles serão conduzidos à “cidade de Deus”, para o agrado de Deus e do Cordeiro.

A bênção de Deus aniquilará a maldição e se estenderá por todo o cosmo. Três coisas são notáveis em Hahn: seu conceito de Deus, sua visão da Bíblia e sua compaixão com a humanidade que se desviou do caminho. Para este iluminado, toda a criação depende da força ígnea masculina de Deus, mas nem tudo carrega em si também o caráter feminino da luz.

Contudo, porque em Deus esses dois aspectos estão unidos, e somente há verdadeira vida onde a dualidade puder realizar-se na unidade, Deus não descansará enquanto essa harmonia não for alcançada em toda parte. Afinal, o Universo inteiro foi criado na luz e a força de Deus jamais pode dissipar-se em nada. Onde Deus destrói o mal que surgiu, também seus causadores ofuscados são redimidos da situação que eles próprios criaram.

Cristo, que é luz, energia espiritual como causa e ponto central de todo o ser, conduzirá tudo e todos novamente a si. Hahn nos diz, contudo, que enquanto muitas pessoas são atraídas pelo bem, outras temporariamente ainda são atraídas pelo mal, isto é, ou atraídas magneticamente para a terra purificada ou para o mar de chamas. O assim chamado “mar de chamas”, segundo Hahn, pode cobrir completamente a

metade da Terra em tempos vindouros. Contudo, finalmente até mesmo Satanás e os que caíram com ele irão retornar, ao compreender que não podem separar-se de Deus. Ele denomina esse processo todo de “apocatástase” (termo cunhado por Orígenes de Alexandria para designar a restauração final da unidade de todas as coisas com Deus). Chama a atenção o fato de o túmulo de Johann Michael Hahn ter a mesma inscrição que consta do túmulo de Jacob Boehme, isto é, o famoso texto rosa-cruz: “Nascido de Deus, morto em Jesus, selado (renascido) pelo Espírito Santo”. Como sabemos, as cidades de Calw e Tübingen, região onde transcorreu a vida extraordinária de Hahn, foram importantes centros na ativa vida espiritual dos rosa-cruzes do século XVI.

Portanto, não resta dúvida de que Johann Michael Hahn, em sua essência, foi um verdadeiro rosa-cruz, principalmente depois de se ler o que está gravado no lado direito de sua lápide:

*Minha cabana de andarilho aqui jaz,
uma casa celestial agora tenho.
Enfim parti do meio de vós,
findou minha peregrinação!
Na tumba nada há de me corroer,
pois encontrei a vida ao morrer,
e ressuscitarei em corpo espiritual.
Igual a Jesus serei,
dele aqui jamais me apartei;
isso ainda havereis de ver.*

*Quebrada está a minha cabana,
senão aqui ela não estaria enterrada.
Deus me concedeu
receber o que pedi.
Agora que chegou a hora,
nem a morte nem o inferno me detêm.
Por mim não deveis entristecer-vos;
vinde, segui-me, meus queridos,
e terminai na fé vosso percurso! ☘*



Há um marco miliário no caminho da vida
que nos leva a outro começo;
onde uma vista mais luminosa se descortina,
onde as nuvens ficam mais leves e se desfazem...
Há um ponto em cada estrada
onde os sulcos se transformam em caminhos suaves;
o lugar que marca um novo início,
e a esperança de dias mais serenos

A jornada te exauriu?
Teu fardo te parece demasiado?
Lutas batalhas penosas,
pelejando contra um destino hostil?
O marco miliário de uma mudança decisiva
pode estar a alguns passos depois da curva.
Coragem!... Este pode ser o lugar
onde as alegrias voltam e os problemas terminam



“Deste o início o Logos é. Ele é ordem, harmonia, repouso e equilíbrio. O Logos está perto de Deus, sim, Deus mesmo é a ordem equilibrada do que é. Desde o início, o Logos é inteiramente semelhante a Deus; tudo que existe foi criado por ele. Fora do Logos nada do que existe poderia existir.”

Essas palavras maravilhosas e consoladoras dirigem o homem que eleva seu pensamento além das limitações e contradições. Seus esforços lhe permitem reconhecer sua ligação com o criador único e infinito. Sua contemplação, em profunda reflexão, permite-lhe compreender, no desenvolvimento incessante do que é grande e do que é pequeno, a correlação entre o cosmo, Deus, e o microcosmo, o homem. Mediante sua atividade, ele experimenta que esse relógio cósmico é um serviço contínuo em favor do outro. Assim, mediante o serviço, ele se junta aos sublimes. Ele sabe que o Verbo (Logos) está em tudo e que tudo está no Verbo.

